

ASSIGNATURAS
 ANNO .. 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA 1^a DE MARÇO, 28.

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

Não seria justo acoirar de estéril a sessão do Congresso, que terminou, atabalhoadamente, nos ultimos dias do agitado 1904. Da sua sabedoria colheu a nação saborosos fructos em penca: a reforma eleitoral, a reforma da magistratura do Districto Federal e a reforma do material da marinha, de imperecível lustre para o nome querido do saudoso Laurindo Pitta.

Esses fructos honram a pujante uberidade daquelle galho dos poderes constitucionaes, pela fragrancia, pela belleza tentadora, como a dos pomos da arvore da sciencia do bem e do mal; mas ninguem confia nos seus effeitos nutrientes, quando chegarem ao desarranjado estomago da nação.

O povo não tem fé na reforma eleitoral; não acredita nos beneficos effeitos por ella prometidos, porque está escabriado com a experiencia de quinze annos de Republica; porque já foi dito e repetido até se gravar em *cliché* muito sovado — que se não reformam costumes a golpes de decretos, e as meticulosas calafetações das fendas, por onde extravasa das urnas a genuina manifestação da soberania nacional, não são sufficientes para assegurar a pureza do voto, num paiz que jámais fruiu essa prerogativa democratica. Mudam-se as fechaduras: inventam-se novas gazúas; e os gatunos de votos continuarão a sua nefasta depredação, qualquer que seja a subtiliza dos meios da policia e o rigor do processo eleitoral. Permanecerão organisadas com todos os artificiosos aparelhos de fraude, de prepotencia e despotismo, as machinas partidarias, cada vez mais aperfeiçoadas para a função constrictora da opinião e dos direitos individuaes. E nada se fará para desmontal-as, para lhes encravar a entrosagem nefasta.

Essa reforma será, como as anteriores, uma cataplasma anodyna sobre uma velha chaga purulenta: os germens de corrupção do character, de dissolução dos costumes irão esgarçando, delindo todos os freios dos escrupulos, inutilizando todos os elementos de inibição criminosa, até aggravarem este estado de anesthesia, que mantém o consagrado divorcio da

moral com a politica, concretisado na fórmula — todos os meios são licitos para vencer, porque a victoria justifica todos os crimes, os mais vis, os mais hediondos.

Além disso, é factio irrefutavel que as mediocridades, de que se nutrem as democracias, não podem prescindir dos processos fraudulentos que lhes disfarçam a deformidade crétinica no envoltorio de suppostos diplomas populares, como certificados authenticos de saber, de patriotismo, de virtude e de força.

Seria irrisório suppôr que os próceres da politicagem, cogumélos das falcatrúas, guindados por vias tortuosas e violencias impudentes, a posições que jamais attingiriam por meios honestos, se suicidem; abandonem, voluntariamente, os deliciosos proventos do mando absoluto para se escravisarem ao jugo do respeito á lei, á garantia sentimental da verdade do voto. Esses próceres crearam amor á função; têm entranhas sensibilissimas; têm próle engordada na ociosidade; têm amigos servís, sectarios infieis; têm cúmplices gananciosos, cardúmes de parasitas devoradores, que a politica ha de nutrir e saciar para lhes assegurar a fidelidade.

Nessa organização de fallaciosa apparencia de governo democratico, só ha uma força capaz de operar salutar transformação nas odiosas praxes electoraes; mas a augusta pessoa, que a exerce, não se mexeu até agóra; nada fez ainda para debellar a infecção, apesar de lhe ter ella posto a vida em perigo, provocando insidiosas explosões de rebeldia. Emquanto essa força não se libertar da tēja das conveniencias para agir ao serviço das aspirações nacionaes, tem fundados motivos o povo para não confiar em reformas electoraes.

A reorganisação da magistratura do Districto Federal foi arrancada com supremo esforço ás entranhas do Congresso: o Senado fez-lhe negaças que a Camara rebateu, difficilmente, na angustia das ultimas horas de sessão.

Será ella efficaz para acalmar justos clamôres, despertados pela defeituosa distribuição da justiça, restaurar a confiança nos seus aréstos, que outros poderes constitucionaes têm procurado, por todos os meios, desmoralizar? Affirmam alguns que ella não alcançará as causas do mal, porque se limita

a uma alteração improficua da magistratura, com uma singéla promessa de modificação do processo archaico, que nós herdámos das ordenações affonsinas, e conservamos com o religioso respeito ás coisas velhas. Esse processo é o ponto doloroso do problema. Emquanto elle fôr mantido, com todos os indecorosos escaninhos da chicana, das alicantinas, será profundamente perturbada a nobilissima função da magistratura, o caridoso trabalho de saciar a cruciante sêde de justiça.

* * *

A restauração da marinha nacional foi, sem contestação, acto de benevolencia.

A nossa posição na America do Sul, o nosso tamanho, a extensão das nossas costas, os nossos rios estupendos exigiam esse elemento de respeito, que não é simples apparato de força bravatosa, perturbadora, mas uma garantia da paz, da prosperidade nacional, da restauração de tradições gloriosas.

A prova mais eloquente da oportunidade, da efficacia dessa medida patriótica, é que os nossos vizinhos a malsinaram como significativa ameaça, precisamente quando elles, fatigados por uma prolongada expectativa de guerra, se desfazião das armas, e procuravam fazer excellente negocio com as unidades das suas esquadras, muito procuradas no sangrento mercado do Oriente.

Não temos motivos sérios para nos apercebermos com poderosos meios de defeza: as controvérsias internacionaes serão victoriosamente derimidas pela nossa diplomacia, como têm sido, no longo periodo de paz consecutiva á guerra do Paraguay; as nossas relações com os povos do velho continente e com a America do Norte se manterão dominadas pelos reciprocos interesses mercantis, sem a pressão das ameaças que nos superexcitam os melindres patrióticos; tudo nos assegura uma inalterada quietude benefica, a cuja sombra poderemos desenvolver os nossos recursos de nação rica, mas não podemos prescindir da força, que será o nervo, o propulsor energico do nosso desenvolvimento.

Quando outra coisa não houvesse produzido o Congresso, na pachorrenta faina de oito mezes de sessão,

essa reforma da marinha seria bastante para elle fazer jús aos calorosos applausos da nação agradecida.

As menos assim, váe desmentindo, com boas obras, os vaticínios de esterilidade, inspirados na sua origem espúria.

Com os parabens ao Congresso pela saída feliz, fazemos sinceros votos por melhores entradas no anno de 1905, que é o ultimo e o mais apertado desta legislatura, anno de despedidas, de protestos de amor, de fidelidade incondicional, anno de eleições...

POJUCAN.

Psychologia do crime colectivo

Tem-se observado que a multidão é, em geral, mais predisposta para o mal do que para o bem. Sua actividade emocional colectiva, em regra, se limita á colera, que determina movimentos cruéis e sanguinarios. Porque? A isto respondeu Scipio Sighele, que é o mais seguro guia neste assumpto. Sem fallar nos varios elementos de que se compõe uma multidão, onde, ao lado de homens sensiveis, vêm-se indifferentes e perversos, junto a pessoas honestas, vêm-se vagabundos e criminosos, pôde-se responder áquelle «*porque*» dizendo que, na multidão, as boas qualidades particulares, em vez de se unir, elidem-se. Só se sommam as energias inferiores da cerebração. Não são as qualidades de *élite*, as distincções moraes, que se pôdem juntar para formação do character de uma multidão, e isso porque essas qualidades são differentes de individuo para individuo. O que se somma, o que serve de parcella, é certo elemento homogêneo, igual, básico, de todos os caracteres humanos, de todas as almas, certas tendencias instinctivas, animaes, que se encontram por baixo das camadas superiores que a cultura foi accumulando durante seculos. Ha muito tempo, Barbaste alludia a uma disposição homicida primordial, a uma especie de furor primitivo, funesto attributo da humanidade. Fallando, com Sergi, a linguagem geologica, pôde-se dizer que as ultimas e melhores *stratificações* do character, aquellas que a civilização e a educação conseguiram solidificar nas almas dalguns individuos, são eclipsadas pelas *stratificações* médias, que constituem o patrimonio commum; na somma total, estas dominam, aquellas desaparecem.

Em 1885, apparecia no periodico medico *The Lancet*, de Londres, um artigo que não pôde ser esquecido (e, de facto, não o tem sido) em todo trabalho referente aos crimes das multidões. Entre outras observações, nelle se encontram as que explicam a mal-

dade instinctiva das agglomerações humanas.

« A palavra multidão, por si mesmo, implica a reunião de elementos heterogeneos, exclúe, até certo ponto, a idéa de organização, a pre-existencia de um fim commum. Não é, pois, possivel que a vontade collectiva de uma multidão seja constituida pelas faculdades elementares as mais elevadas dos cerebros daquelles que a compõem. A actividade mental da multidão é limitada á colera, á imitação, aos actos instinctivos. E' perfeitamente possivel que, em uma multidão de pessoas impressionaveis, cada uma dellas proceda em opposição directa aos seus principios individuaes. Ha no *numero* uma influencia subtil, e poderosa que agita as paixões e fôrça o individuo a imitar seu visinho.»

Secundamente, para explicar a crueldade characteristic das multidões, ahí temos, bem patente, a influencia decisiva dos elementos máus, os loucos, os criminosos, os viciosos. Commummente, a direcção das massas populares amotinadas não cabe aos mais calmos, aos mais moderados, aos mais conscientes; são ellas movidas, quasi sempre, pelos agitados, ébrios, loucos, criminosos, que gritam fortemente, que manifestam mais vivo enthusiasmo.

Hyppolito Taine, na sua obra monumental *LES ORIGINES DE LA FRANCE CONTEMPORAINE*, de que aproveitaremos mais de um trecho, notou, no periodo mais anarchico da Revolução Franceza, a influencia decisiva dos criminosos, dos loucos, dos alcoolicos, da ralé social, privada de todos os bons sentimentos, avêsada ás violencias. Unidos esses miseraveis á multidão, por sua natureza facilmente impulsional, é bem de vêr que lhe communicaram sua crueza e sua loucura. Como se pôde admirar, nessas condições — indaga Taine — a crueldade dos actos praticados pelas multidões?!

A este respeito disse, com intensa verdade, d. Concepcion Arenal que as multidões idolátram os loucos, por isso mesmo que, adorando-os, ellas se adoram — como loucas que são. De que se compõe — pergunta a preclara correccionalista hespanhola — essa turba que esbraveja e mata, na maioria dos motins populares? E, logo, responde:

— dos loucos que são tirados do hospício ou dos que ainda lá não estavam por imprevidencia social;

— dos delinquentes que a prisão acabou de corromper e que, della sahindo, não acharam seguro patronato que os amparasse e os encaminhasse para o bem;

— dos vagabundos, victimas das actuaes condições sociaes;

— dos semi-selvagens, embrutecidos pela ignorancia e pelas privações em que os deixa permanecer o actual regimen plutocratico e immoral;

— de creanças que se corromperam cedo, victimas, tambem, da desorganização social, que dissolve a familia e despreza ou envilece a criança;

— de prostitutas, que, geralmente, fôram atiradas ao vicio pelo egoismo dos homens e nelle mantidas pela imperfeição do systema administrativo vigente, que quasi lhes concede fóros de negociantes ou lhes regulamenta o exercicio da *profissão*.

Toda essa gentalha exprime, no dizer de d. Concepcion, a secreção purulenta das classes abastadas e felizes. E no meio de todos os degenerados abundam, tonitruam os epilepticos, os vesanicos de toda ordem, os maniacos ferózes, que arrastam os imbecis e os retardatarios da especie.

* *

Até aqui, temos exposto, um tanto desordenadamente, algumas leis mais geraes, derivadas da observação dos factos. Vejamos, agóra, alguns desses mesmos factos, para illustrar a theoria, e solidificar-a. Occorre, desde logo, a lembrança da Revolução Franceza. Taine bem chamou seu primeiro periodo de *Anarchia Expontanea*. Em verdade, foi a multidão brutal e selvagem que nelle dominou soberanamente.

A administração se acurvou a esse jugo, si é que se pôde chamar *administração* um conjuncto de autoridades sem energia, servindo-se de principios legaes já sem efficacia. No dia 15 de de Julho de 1789, a multidão começou a demolição da Bastilha, que, na vespera, tomára de assalto — e foi sancionado seu acto. Os impostos de barreira ou de entrada fôram suprimidos, por imposição do poviléo armado.

Não sómente o povo condemna, e, como sempre, ás cegas. (*) Ao mesmo passo que mata sem lei e sem justiça, livra os que os tribunaes condemnaram. E' assim que, a 11 de Agosto de 1789, em Versailles, a multidão tira das mãos do carrasco um parricida condemnado á morte. A 16 de Outubro, na Normandia, em Granville, proclama a turba esse seu direito de perdão, arrancando aos executores judiciaes, dois infames assassinos.

Em verdade, o populacho se fez soberano, á móda oriental, sem admittir censura, nem discussão dos seus actos.

O que ha de notavel, entre tantos horrores e violencias, é a perfeita inconsciencia dos criminosos, quanto á natureza immoral das suas acções. Todos os que matam, pilham e incendiam, estão convencidos da legitimidade

(*) Obra cit. 22ª edição 1899, 2ª parte, vol. I, pag. 131.

dade dos seus actos. Em qualquer dos periodos ensanguentados da Revolução Franceza se vislumbra esse estado de falsa consciencia. Os assassinos entendem, sempre, ter cumprido um dever civico. Foi o que se deu por occasião do assassinato do sr. de Launay, director da Bastilha. O cosinheiro que lhe decepou a cabeça, louvado por toda a gentalha, erguido em triumpho, pretendeu uma medalha por aquelle serviço patriótico.

Depois, em 1792, nos terriveis massacres do Terror, vemos patentear-se a mesma extranha convicção.

Como se compunha o grupo de umas trezentas pessôas, conhecidas, na historia tragica d'aquelles tempos, por « septembriseurs »? O numero de patifes e scelerados era relativamente diminuto; maior era o numero de operarios, pequenos negociantes, caixeiros, até então honestos e pacíficos. No entanto, insinuada a ordem official para o massacre (*) dos presos politicos, todos entenderam receber um nobre encargo, de que se sentiram orgulhosos. Transformados em juizes e carrascos, não se sentiram criminosos — na phrase de Le Bon. Para base do seu juizo adoptaram a supposição mais simplicista. Desde logo, descobriram que certos presos, pertencentes ás classes elevadas—nobres, padres, officiaes militares — eram inimigos da Republica, criaturas perigosissimas; bastava sua condição social para lhes caracterisar a criminalidade. Em seguida, um perverso qualquer se lembrou de ser tambem applicavel aos presos communs o mesmo processo de eliminação. Eram boccas inuteis, que estavam comendo o pão da Republica; podendo ser que, entre ellas, existissem alguns inimigos das novas instituições.

D'ahi resultou serem assassinados os presos communs, entre os quaes se achavam velhos e crianças!

Acabados todos esses labores assassinos, affluiram os criminosos ao governo, pedindo medalhas, empregos, soccorros, honrarias, como se tivessem praticado obra meritoria e digna de recompensa.

— Não menos fertil em exemplos semelhantes, é a triste historia da Communa de Pariz.

Vem-se, na maioria dos seus crimes collectivos, as características que deixámos notadas na primeira parte deste ensaio. Ainda ha pouco, os irmãos Margueritte publicaram, em forma de romance, uma obra fartamente documentada, em que é descripto o estado d'alma que dominou, em Pariz, durante aquelles dias tormentosos. Aqui temos, como exemplo, a descrição da morte de Clement Thomas, o

antigo commandante da Guardá Nacional. A multidão arrasta-o da praça Pigalle ao local em que se devia reunir momentaneamente o *comité*. Entretanto, o povo exige que se organise, logo, um conselho de guerra, que tambem deve julgar o general Lecomte, preso antes de Thomas. As portas são arrombadas, a multidão irrompe gritando *à morte, à morte!* Alguns amigos do povo querem protestar, são injuriados, maltratados e apedrejados, Já não se espera o julgamento. Começam os tiros, muitos disparados por meretrizes bebedas, que gritam obscenamente. Cahindo Clement Thomas crivado de balas, voltam-se as iras selvagens para o general Lecomte, que é fuzilado pelas costas; depois, arrastam o cadaver e o atiram sobre o da outra victima, arrancando-lhe as botas e parte das vestes. E em volta dos cadaveres, semi-nús, dansam os assassinos, como Caraibas! (*)

Antes da Communa, por occasião do cerco de Pariz, scenas extraordinarias se passaram, demonstrando a impulsividade que determina as multidões enlouquecidas. O neuropathologista Luys dá testemunho do que se passava, então, com individuos que eram apontados como « espiões prussianos » Uma palavra, uma phrase, um gesto impelião a multidão, facilmente emocionada. Um transeunte, tomado por espião prussiano, difficilmente escapava das mãos do poviléo amotinado. Si a cada um dos espancadores se pedisse a razão do seu acto, certamente não poderia explical-o. . .

E assim é por toda parte.

EVARISTO DE MORAES.

OS URUBU'S

Num extenso campo apaúlado e crestado pelas geadas d'inverno, um bando de urubús famulentos atacava com furia bravia e insaciavel, numa destreza de bicos aduncos, as carnes intumecidas e putrefactas de uma grande rês morta que eu vira, dias antes, nédia e bella entre as demais rêzes, nessas pastagens verdejantes.

Era medonha a ancia devoradora das harpias negras.

*
* *

E eu me lembrei de Ti — loucura!
— da tua carnação tentadora de mulher perdida, quente e côr de rosa

(*) *La Commune*, 1904, paginas 80-82. Descrição differente dá Luiza Michel, *La Commune*, pag. 121

outr'ora, mas hoje álgida e livida, corroida pela miseria e a doença, onde os meus desejos de gozo, vorazes como os urubús, fôram calir tanta vez, insaciaveis e indomitos, numa soffreguidão de morte!

VIRGILIO VARZEA.

NOS ASTROS OU NO PÓ?

Vida, findareis no pó?

LUTHERO.

I

Olhos, que sois os fulgidos riachos
Dos sonhos, das chiméras, dos encantos,
E dáes vinhos de vinhas de aureos cachos
Para allucinamentos e quebrantos...

Olhos, que sois os seductores fachos
Da luz do Amor que se desfaz em mantos...
Olhos, que, quando merencóreos, baixos
Lavam-se, gemeos, de piedosos prantos...

Dizei-me, riachos de emotivos vinhos,
Se os vossos meigos, dúlcidos carinhos
Algum dia terão de andar no Ethéreo?

Ou terão de acabar, sinistramente,
Em dois buracos de caveira algente
Na atra desolação do Cemiterio?!

II

Bocca aromada a flôr de cardamomo
Para a gente beijar, beijar, beijar...
Para a gente beijar num vivo assomo
De quem beija o sacrario de um altar.

Bocca de psalmos luminosos como
Um livro escripto pela luz do luar,
Um delicado e mysterioso tomo
Para ser lido por quem saiba amar.

Ah! bocca d'ouro! bysantina taça
De doçuras de vinhos e de graça,
Encantadora ambula sagrada,

Que de vós será feito quando um dia
Baixardes, bocca, á terra fria, fria,
E vos virdes dos vermes assaltada?

ARAÚJO FIGUEIREDO

FARIAS BRITO

Não quero dizer que se trata, nestes ligeiros artigos, do maior pensador entre os que pensam no Brasil hoje em dia. E não quero dizel-o, só porque este homem é do Norte: e ha por ahi, em penumbras escuras de *coterries*, uns pruridos de delimitar zonas nesta patria immensa, e até de fazer isso quanto a uma certa ordem de factos ou a uma esphera de phenomenos que não reconhecem fronteiras e muito menos divisas.

Julgo, em todo caso, do meu dever esta sinceridade e franqueza com que começo affirmando que, nestes dois ou trez artigos, pretendo pôr em destaque, tanto quanto me fôr possivel, o mais

(*) *Proal*, CRIMINALITÉ POLITIQUE, pags. 27--28.

original, o mais profundo, o mais legítimo e mais sabio dos pensadores actuaes do Brazil.

E' claro que restrinjo o meu asserto ao circulo do que se chama propriamente philosophia. Si se tratasse de especialisar estudos ou de discriminar competencias, de certo que outros nomes ali estariam, pelo menos a suggerir as mais justas reservas á generalidade e ao tom absoluto do juizo.

Trato de um philosopho, e refiro-me, portanto, aos que presentemente cultivam e professam no Brazil a alta philosophia.

Uma civilisação que começa não produz grandes sabios. Não sei si este postulado nos salvaria, explicando sufficientemente a nossa lamentavel inopia de pensadores, de philosophos, de cientistas de nota ao menos. Hesito ainda em admittir que a nossa, para attenuante da nossa quasi indigencia, seja o que se deve entender por uma civilisação incipiente. Aqui, como em toda a America, houve uma trasladação de cultura, e não propriamente o que se chama o espirito humano no seu primeiro encontro com a natureza, a consciencia de uma raça ou de uma familia a despertar, a soffrer e a reagir no meio em que desperta. Parece, á primeira vista, que só neste ou em caso semelhante é que o asserto seria verdadeiro: os povos que nascem para a historia não têm sabios—quer dizer—não entram nella pela sciencia. Ahí estão indios, persas, assyrios, egypcios, gregos, romanos—quasi todos com os seus grandes poemas, e, no entanto, sem obras notaveis que lhes attestassem a cultura. E' só depois dos Homeros que lhes apparecem os Platões e os Aristoteles.

Mas, ainda no nosso caso, é para crer que não falhe o principio. Comecemos por notar que em toda parte, na America, a tendencia dominante dos espiritos mais distinctos é para as letras e para as artes, e mesmo, entre as artes, a litteraria, que é a mais immediata e directa, a mais intensa e flagrante como processo de manifestação. Ora, isso nos quer parecer simplesmente natural. Vinhamos de uma civilisação superior e enfrentavamos com uma natureza nova e de opulencia excepcional. Si fóssemos destacados de grandes raças, teriamos feito aqui prodigios e produzido assombros na esphera da arte. E' verdade que ha alguma coisa que desconta a nosso favor. Não ha duvida que sabiamos de uma civilisação em todas as linhas mais elevada que a de quasi todos os povos que aqui encontramos; mas tambem é verdade que, sobretudo, os primeiros elementos que se trasladaram para o Novo Mundo, estavam longe de ser os portadores

féis da cultura da Europa no que ella tinha de mais excellente. Dahi a balburdia que aqui creamos e a insufficiencia com que demos signaes do nosso espanto ao enfrentar com a natureza americana.

Não era possivel a analyse em taes condições, e só quando analysa é que o espirito humano entra na phase philosophica. O que foi possivel foi o que nós fizemos. Por isso, mesmo nas zonas onde se exteriorizou a cultura trasladada e que não era, como temos dito, propriamente a européa na sua plenitude, mesmo nessas zonas só se constatarem manifestações incompletas da alma que traziamos. Por allí mesmo, ou porque não eram representantes da Europa classica os que vinham para aqui, ou porque o deslumbramento nos attenuasse as faculdades exteriorisadoras, ainda nesses pontos as proprias manifestações litterarias têm uma importancia mediocre. Nos Estados Unidos, por exemplo, não se contam, talvez, até hoje, dez homens notaveis na esphera da arte. Sendo o paiz onde mais rapido, e de modo mais admiravel, se dilatou, na ordem material, a intelligencia dos povos que para este lado se destacaram da corrente historica—e sendo talvez exactamente os que mais trouxessem della—é para notar que seja, ao mesmo tempo o paiz onde relativamente as fixações do espirito pela producção litteraria são mais restrictas e mais obscuras. Tanto as letras como as artes na grande republica do outro hemispherio americano, nada têm de comparavel ou de correspondente á esplendorosa civilisação industrial que é um facto unico, e dir-se-ia estranho na historia das conquistas humanas em todo o planeta. Mesmo na esphera das especulações scientificas, os Estados Unidos não se pódem desvanecer de haver feito muito mais do que as republicas de origem latina. Só de pouco é que o homem parece estar entrando allí na posse da grande herança; e ainda isso em generos especiaes, em ramos particulares da sciencia, talvez os mais connexos com a caracteristica da phase em que se encontra aquella civilisação.

E' propriamente em materia de philosophia, de investigações scientificas, de estudo directo da natureza, o americano do Norte não excede aos outros americanos. A sciencia delles é, por emquanto, a mesma sciencia européa. Os mais notaveis dos seus professores são espiritos que se fizeram com os sabios da Europa. Exemplo frisante disso é Draper, o mais illustre e o de mais valor entre os contemporaneos que se elevaram até formular synthese da obra humana. Draper é perfectamente um pensador europeu.

Tudo isso, portanto, parece estranho á primeira vista, mas afinal se explica. E não se póde dizer que sejam apenas

as causas que indicámos. Outras ainda é preciso adduzir a essas, como explicação do retardamento ou da insufficiencia do nosso esforço na cultura propria. As populações que se trasladaram para o Novo-Mundo estiveram, e deve-se dizer que ainda estão quasi todas, até hoje, preocupadas com dois grandes problemas: primeiro, o problema da conquista e povoamento; e, logo em seguida, o problema politico. Si exceptuarmos os Estados-Unidos, veremos todos os outros povos sahindo das luctas do regimen colonial para os longos e interminaveis dissídios por um contracto politico que até hoje não está definitivamente assentado. E' por isso talvez que, mesmo nos paizes onde se constata uma ecclosão intellectual mais sensível e uma actividade mais intensa na esphera scientifica, como os Estados-Unidos, os espiritos quasi que não saem de uma certa ordem de questões: em regra questões de ordem politica, tanto interna como internacional. E' assim que os norte-americanos têm já os seus homens de Estado, os seus diplomatas, os seus internacionalistas. E' quasi mais nada.

De sorte que, além de se não haver para aqui transportado o que havia de melhor na cultura européa, ainda estes dois problemas formidaveis intervieram como factores de nossa pobreza no que respeita a revelações espirituales.

ROCHA POMBO.

PAGINAS ESQUECIDAS

O CASQUILHO

Quem de Ovidio os contos leu,
Certo inda tem na memoria
A mais curiosa historia
Que elle em seus contos metten:
— De como Jove indignado
C'o uma nação de velhacos,
Para os não fazer em cacos,
Os converteu em macacos.

Vendo-se assim humilhado,
Veio o povo castigado,
De constricto coração,
A pedir perdão
Ao deus que fulmina o raio e o trovão.
Fazendo caretas, ganindo e guinchando,
Lhe vinham bradando
Em mona e bugia:

— «Restaura-nos, ó padre soberano,
O antigo vulto humano
Co'a perdida razão.»

O tonante, a quem passado
Era o primeiro furor,
Dos bugios ao clamor
Prestou ouvido apiedado;
Mas do macaco requerimento
Não despachou senão a metade,
E o resto a deidade
Mandou dispersar nas azas do vento.

Mal o aceno omnipotente
Troou na celeste abobada,
A monaria contente
Se ergue altiva, impávida,
Toda se empavezou
E repimpou
E como gente
A andar por este mundo se deitou.

O pêlo esfarrapado,
Que as cabeças téli lhes ouriçava,
Em lindos caracões se debruçava
Agora pelo rosto transmudado.
Não mudou por dentro o caco,
Que ficou sempre macaco ;
E a cara por fóra
Tambem não mudou muito do que fóra.
Os mesmos focinhos,
As mesmas caretas,
E os parvos risinhos,
E as fofas e tretas.

Assim meio mudados, meio não,
Lhes fez o padre Jove um bom sermão,
E lhes mandou tomar
Ao pé da raça humana o seu lugar.
O homem com desprezo o bicho olhou,
Nem sequer nome para dar-lhe achou ;
Mas a mulher gostou
Da tal farófia de apparente brilho,
E á coisa poz o nome de — *Casquilho*.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT

* *
* *

LORD BEACONSFIELD

Recomeçando hoje estas CARTAS DE INGLATERRA — que eu não podia escrever de Lisboa, onde estive alguns mezes gozando os ocios de Tityro, *sub tegmine fage*, á sombra dessa faia constitucional que se chama o Gremio --- devo memorar, ainda que tarde, a morte de Benjamim Disraeli, lord Beaconsfield, occorrida no dia 19 de maio, pela madrugada, em Londres, na sua casa de Curzon-Street. A doença de lord Beaconsfield, uma complicação de gôta, asthma e bronchite, arrastou-se cruel e longa; o mal, porém, foi debellado, e lord Beaconsfield succumbiu realmente á fraqueza, á fadiga dos 77 annos de uma existencia tão episodica, tão cheia, tão commovente, que ella ficará como o seu melhor romance, bem superior, em estylo e interesse, a TANCREDO ou a ENDYMION.

Desde o primeiro dia, lord Beaconsfield perdeu logo a esperanza de se restabelecer; mas passou a encarar a morte, como encarára sempre as suas derrotas politicas, com uma coragem desdenhosa e fria e um ar de facil superioridade. Durante a doença, aos accessos agudos de dôr, respondia elle com esses sarcasmos mordentes e rebrilhantes, que tinham sido sempre a sua desfórta querida perante um adversario mais forte.

No dia 18, á noite, cahiu pouco a pouco numa somnolencia comatosa, e assim permaneceu até ao romper da manhã; momentos antes de morrer, agitou-se, ergueu-se, ainda dilatou o peito, lançou os braços ao ar --- como costumava fazer nos grandes debates da Camara; depois, recahiu sobre o travesseiro, estendeu as mãos a lord Rowton e lord Barrington, seus secretarios, murmurou debilmente --- *estou vencido* — e ficou como adormecido para sempre. E, considerando que nesse momento toda a Inglaterra, o

mundo inteiro esperavam anciosamente noticias daquelle quarto de Curzon-Street, onde expirava o homem que sessenta annos antes era um pobre escrevente de cartorio — pôde-se dizer que nesta carreira tão feliz a morte mesma foi feliz.

O seu proprio funeral teria agradado á sua imaginação --- a certos lados delicados da sua imaginação de artista. O testamento que deixou não permittiu que se celebrassem funeraes publicos na abbadia de Westminster --- disposição estranhavel num homem que mais que tudo amou a pompa e os grandiosos cerimoniaes; mas, não teve tambem o lugubre scenario da morte, os crêpes, as plumas negras, as tochas, os fumos, as caveiras bordadas --- tudo isso que deveria ser tão antipathico ao seu luminoso espirito. Foi sepultado no seu querido castello d'Hunghenden, no meio das arvores do seu parque, por uma fresca manhã de maio, na capella toda ornada de flôres como para uma alegria nupcial; o caminho que lá levava ia por entre jásmineiros e rosas; em vez do dobre dos sinos de Westminster, teve o gorgear das suas aves; e o caixão, seguido pelos principes de Inglaterra, por todos os embaixadores, pela aristocracia que elle governára --- desapparecia sob corôas, ramos, molhes de *primroses*, que a rainha Victoria mandára com estas palavras, escriptas pela sua mão:

As flôres que elle amava.

Depois, ao outro dia, em todas as cathedraes da Inglaterra, em cada capella rustica, o clero fez do pulpito o elogio de lord Beaconsfield; nas universidades, nos institutos, nas academias os professores commemoraram aquella carreira soberba; pelas plataformas dos *meetings*, nas assembléas commerciaes, em qualquer parte onde se juntam homens, alguma vóz se ergueu a honrar os seus serviços e o seu genio: lord Granville, na Camara dos lords; na Camara dos commons, Gladstone, fizeram, em sessão solemne, o seu panegyrico publico; e durante dias toda a imprensa ingleza, a imprensa de todo o mundo civilisado (excepto a de Portugal, infelizmente) vieram cheias de seu nome, da commemoração dos seus livros, da sua pittoresca historia.

E assim lord Beaconsfield desappareceu --- como fóra o desejo de toda a sua vida --- num rumor de apothéose.

* *
* *

E todavia nada parece mais injustificado que uma tal apothéose. Lord Beaconsfield, por fim, foi um homem de estado que fez romances. Ora, os seus romances, como obras d'arte, já começam a apparecer a esta geração de sciencia e d'analyse, tão falsos, tão ficticios como as novellas lyrico-

religiosas do visconde d'Arlincourt; e, como homem de estado, o nome de lord Beaconsfield não fica de certo ligado a nenhum grande progresso na sociedade ingleza. Crear o titulo de imperatriz das Indias para a rainha de Inglaterra, roubar Chypre, restaurar certas prerogativas da corôa, tramar o *fiasco* do Afghanistan não constituem, de certo, titulos para a sua glorificação como reformador social: por outro lado, escrever *Tancredo* ou *Endymion*, não basta para marcar numa litteratura, que teve contemporaneamente Dickens, Tackeray e George Elliot.

Como succede, além disto, que a Inglaterra, paiz tão pratico, tão bem equilibrado, se deixe levar em um tal arranque de admiração pelo homem que foi a personificação, a encarnação de tudo quanto é contrario ao temperamento, ás maneiras, ao gosto inglez? E' que lord Beaconsfield, mais que nenhum outro contemporaneo, impressionou a imaginação ingleza — e na fria Inglaterra, como sob céos mais calidos, são grandes as influencias da imaginação.

Podia-se, ás vezes, sorrir das suas phantasticas obras d'arte, protestar contra as suas theatraes combinações politicas, mas, através de protestos e sorrisos, sua propria personalidade nunca deixou de maravilhar e de fascinar. Qualquer inglez, medianamente educado, a quem se pergunte a sua opinião sobre lord Beaconsfield, dirá: *foi um homem extraordinario!*

Extraordinario — é como elle se nos representa, agóra que se vê o conjunto da sua existencia — que não parece ter sido um producto natural dos factos ou das occasiões, mas uma criação subjectiva da sua propria vontade, e como um enredo de romance talhado pela sua penna. Se não, veja-se. Tendo nascido judeu — tornou-se o chefe de uma aristocracia saxonia e normanda, a mais orgulhosa da terra: começando em um obscuro circulo litterario e vegetando algum tempo em um cartorio de Londres — veio a ser o mais famoso primeiro ministro de um grande imperio; não possuindo senão dividas — bem cedo se tornou o inspirador das grandes fortunas territoriaes: homem de imaginação, de poesia, de phantasia, foi o idolo das classes médias de Inglaterra, as mais praticas e utilitarias que já-mais dirigiram uma nação commercial: sem religião e sem moral, governou um protestantismo que não concebe ordem social possivel fóra da sua estreita religião e da sua estreita moral: confessando o seu desprezo pela omnipotencia da sciencia moderna — foi o grande homem de uma sociedade que quer dar a todo o progresso uma base puramente scientifica: emfim, sendo o *menos possivel inglez*, tendo um modo de ser e de sentir quasi estrangeiros,

dirigiu annos e annos a Inglaterra, o paiz mais hostil ao espirito estrangeiro, e que conhecia bem que não era comprehendida pelo homem que a governava. Tudo isto parece paradoxal — e a existencia de lord Beaconsfield foi, com effeito, um perpetuo paradoxo em acção. Para realisar tudo isto era necessario que o seu genio, por um lado; por outro a sua habilidade, fôsem grandes. E realmente em dons pessoas nada lhe faltou: prodigiosa finura de espirito, uma vontade de aço, uma coragem serena de heróe, uma infinita veia sarcastica, um fogo ruidoso de eloquencia, o absoluto conhecimento dos homens, a luminosa penetração no fundo dos caracteres e dos temperamentos, em poder subtil de persuasão, um irresistivel encanto pessoal — e tudo isto envolvido (como por uma athmosphéra luminosa) por alguma cousa de brilhante, de rico, de largo, de imprevisito, que era ou fazia o effeito de ser o *seu genio*.

*
* *

Eu, por mim, começo por admirar a sua propria apparencia. Diz-se que fôra forinoso como um Apollo — e que isto concorrêra muito para seus primeiros triumphos: agóra, já tão velho, era apenas pittoresco.

A sua grande testa, sobre a qual cahiam aquelles dois extraordinarios caracões parallellos, o seu olhar recolhido e como concentrado em pensamentos muito fundos, o nariz de pura raça israelita, a bocca descahida na sua eterna curva sarcastica, o beijo inferior muito recurvo e muito pendente, e a sua estranha pêra de Mephistopheles, — constituiam uma destas physiognomias que se sentem que vão ficar na galeria da historia, e que servirão a futuros historiadores para explicar um destino e um genio. Em novo, e quando as modas romanticas o permittiam, vestia-se de setim e velludo, recobria-se dum luxo de medalhões e joias, as suas proprias calças tinham bordados d'ouro. Agóra, era mais sobrio de *toilette*: usava apenas esses casacos compridos como tunicas — a que os homens de origem judaica são particularmente affeioados, e o seu unico adôrno eram os bellos ramos que lhe enchiam o peito. Um jornalista francez, num dia de crise politica, em que lord Beaconsfield devia fazer um discurso decisivo, encontrou-o, momentos antes, num dos salões da Camara, occupado a encher d'agua o tubosinho de crystal que por tráz da botoeira da casaca conservava frescas as suas rosas. Todo o homem está neste traço.

De raça oriental, teve sempre o amor do fausto, das pedrarias, dos ricos tecidos, da pompa: os seus romances transbordam de descripções de palacios, de festas, perante as quaes as

mais ricas galas de Salomão são como desbotados scenarios de theatro de feira: o seu estylo resente-se deste gosto: é um sumptuoso estôfo, com recamos de ouro, cravejado de joias, scintillante e espêsso, cahindo em bellas pregas ao comprido da idéa. O dinheiro, o ouro, preoccuparam-no sempre, menos pela sua influencia social que pelo méro esplendor da sua amontoação. Os seus heróes possuem fortunas tão prodigiosas que seriam impossiveis, nas condições economicas do mundo moderno; *Lothario*, o famoso *Lothario*, querendo dar um presente de annos a uma senhora catholica, offerece-lhe uma cathedral toda de marmore branco, que elle mandou construir e que dedicou á santa do nome della; o seu custo excederia, de certo, a 2.000 contos fortes. Confessamos que é *chic*. Pois bem: presentes destes, dava-os *Lothario* todos os dias. O banqueiro *Sidonia*, uma das mais curiosas creações de lord Beaconsfield, querendo dar ao seu amigo *Tancredo*, uma carta de credito para os banqueiros da Syria, redige-a deste modo: «Pague á vista ao portador tanto ouro quanto seria necessario para reconstruir os quatro leões de ouro massiço que ornavam a porta direita do templo de Salomão.» — Tambem muito *chic*.

Estou certo que um dos grandes prazeres de lord Beaconsfield era poder manejar os milhões de Inglaterra. Todos os seus ministerios custuram caudalosos rios de dinheiro; gastava o ouro como a agua — e dava-se o luxo de realizar por si, e á custa do seu paiz, as larguezas épicas do seu banqueiro *Sidonia*. Mesmo quando estava no poder, estava ainda no romance. —

EÇA DE QUEIROZ.

Londres, 1881

(Continúa).

O GENERAL PEDRO LABATUT

(CEARA')

Uma das consequencias do movimento de abril de 1831, foi a lucta que se empenhou na comarca do Crato (nova comarca) entre Pinto Madeira e os liberaes daquella villa, exaltados, intolerantes e soffregos de perder esse inimigo, que tinha sido allí o chefe da reacção de 1824, e exterminára, em nome da legalidade, os inimigos do throno.

Pinto Madeira tinha sido muito soprado para a resistencia; mas, primeiro, dirigiu preces fervorosas ao vice-presidente, em exercicio, da provincia, para fazel-o poupar pelas autoridades do Crato, intrusas aliás, pois que tinha havido deposição das que existiam ao tempo da abdicação.

A graça lhe foi recusada, pois allí se obrava de concerto com o chefe liberal, senador José Martiniano de Alencar, que tinha dividas de sangue muito em tempo de cobrar.

Não estava ainda divulgada na villa do Jardim a posse do presidente José Martiniano de Albuquerque Cavalcante (18 de outubro de 1831), quando a Camara Municipal daquella villa, attentos os preparativos bellicos da gente do Crato, no dia 14, proclamava a revolta, entregando a Pinto Madeira o seu estandarte, em solemne reunião do povo, e nomeando-o commandante em chefe das milicias daquelle municipio.

Os revoltosos nutriam esperanças da volta do velho regimen, e contavam com o concurso dos antigos imperialistas do Ceará, sem se aperceberem de que elles já estavam a adherir em chusma, sem excepção dos antigos chefes da capital e do Rio-de-janeiro!

José Mariano, antigo companheiro de prisão e amigo de Alencar desde 1817, e aquinhoado por este com uma cadeira na Constituinte do Rio-de-janeiro, era agóra uma escolha sua para o ajuste de contas do Ceará. Na quadra, a provincia era exclusivamente de Alencar, como preço da sua efficcissima cooperação no movimento de abril.

É um tal presidente era de molde para as cousas mais odiosas. Emquanto fechava os ouvidos a todas as queixas que lhe faziam os perseguidos, e repudiava todo o voto de obediencia, procurava esmagal-os por todos os modos, tirando a limpo o pensamento do seu amigo e chefe.

Foi em consequencia de solicitações deste, que a regencia resolveu enviar á José Mariano soccorros de gente, dinheiro, munições e armamento, mandando que Labatut se puzesse á frente dessa expedição.

Expedição e commandante, tudo participou das indicações e apresentações de Alencar, eixo de todos os negocios do Ceará, por isto que Manoel do Nascimento Castro e Silva, que pudéra concorrer com elle na politica da provincia, visto a sua bôa collocação no Rio-de-janeiro, só entrava na situação como adhesista, em quanto o seu émulo se sagrára chefe antes delle, conspirando *ab ovo*. Só em 7 de outubro de 1834, o antigo chefe espirital dos *carcundas* do Ceará se considerára homem-feito para dirigir, isto é, quando entrava para a pasta da fazenda, á qual se collou nos gabinetes organizados em 15 de janeiro de 1835 e no 1º de novembro desse anno, occupando esta dominadora posição até 16 de maio de 1837, quasi 38 mezes.

Para intelligencia dos factos, que vamos expôr, não será ocioso deixar algumas linhas sobre as aventuras destes dois cultores da politica, os quaes, por toda a vida, jogaram a ca-

bra-céga em torno dos partidos do Ceará.

Na adhesão falhada do Ceará ao movimento de 1817, (em Pernambuco) Alencar, ainda seminarista, punha em campo a sua família; melhormente — mettia sua mãe e parentes na cadeia, enquanto Nascimento acompanhava a sua família, fazendo a côrte ao governador Sampaio, que se atirava áquelles, como um lobo.

Na eleição para as côrtes portuguezas, Alencar, ainda nôvel, alcançou alguns votos, e conseguiu sentar-se, como supplente, ao lado de Nascimento, deputado eleito para aquella Constituinte.

Alli, Alencar era do partido ultrabrazileiro; Nascimento, porém, professava o *laissez faire*. D'ahi, o seu nome não sahir das urnas para a Constituinte do Rio-de-janeiro; mas, o do seu antagonista, de parceria com quatro collegas, (padres) — Pacheco Pimentel, Xavier Sobreira, Hollanda e Antonio Manoel de Souza, e dois homens de 1817 — José Mariano, e o ex-ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho, que tanto soffrêra das suspeitas, e, mais que isto, da soberba do sanhúdo governador portuguez.

Dissolvida a Constituinte, Nascimento foi eleito, com um parente, para a legislatura de 1826, porque a sua família estivera contra a *republica do Equador*; Alencar não o foi, por ter se illudido com os acontecimentos, entrando para ella.

Em 1830, Nascimento voltava ainda á Camara com outro seu parente; mas, dessa vez, Alencar foi eleito tambem, porque dois terços dos velhos partidos tiveram necessidade de se approximar. O partido de Nascimento tinha se fraccionado no Ceará, em vista do rompimento de sua familia com os amigos de Conrado e Alencar, que fluctuára algum tempo entre as duas fracções, se approximára daquelle soldado e do seu séquito de fuziladores, sem combater a alguém ou manifestar-se vivamente. Indo com geito e perspicacia, fez-se eleger com outros dois padres seus amigos. (Pimentel e Paula Barros.)

Aproveitando-se da quadra, em 1832 entrára finalmente para o Senado, fazendo expellir daquelle casa o Marquez do Aracaty, antigo e sabio governador do Ceará.

Assim é que no 1º periodo regencial, estava arbitro do Ceará, enquanto Nascimento, embóra o seu pronunciamento em 1830, contra o ministro Oliveira Alvares, ficou na posição muito secundaria, que lhe valeram as suas hesitações, quando se trabalhava para o 7 de abril. Desta sorte, de amigos da ultima hora ou *adhesistas* já encontrára cheia a casa, no momento em que se juntou aos vencedores...

Labatut foi nomeado para comman-

dar a expedição do Ceará, por acto do ministro da guerra Manoel da Fonseca Lima e Silva, a 7 de junho de 1832.

Nesse documento, se disse que, além dos officiaes, na expedição que vinha auxiliar José Mariano, e operar de accôrdo com este, vinham 100 praças do exercito.

Feijó, porém, em carta de 13 desse mez, dirigida ao ouvidor Cardoso, disse que a expedição constava de 200 praças, e parece que foi com este effectivo que Labatut desembarcou na Fortaleza, o que teve lugar no dia 23 de junho de 1832. Veio a expedição no brigue *Alcides*, e mais um transporte (o *Olinda*, talvez) que tinha sido posto á disposição d'elle, desde 10 de junho. A partida como que foi transferida para além de 13.

Labatut não encontrou José Mariano na Capital, e se annunciou com uma proclamação datada da vespera, no *Alcides*. O presidente, em fins de março, tinha-se posto a caminho para o theatro da guerra, deixando o expediente a cargo do seu secretario, padre Antonio Pinto de Mendonça, homem habilissimo, cultivado e geitoso, que deu ao governo de José Mariano, uma feição escripta menos grosseira e desalinhada do que seria, si José Mariano se *secretariasse* a si mesmo, ou tivêra continuado o velho formulario dos presidentes e governadores do Ceará, tósco e avelhantado.

O presidente tinha chegado ao Icó, após o combate mortifero de 4 de abril, no qual os rebeldes, mal armados, se houveram bem, porém combateram num verdadeiro *pêlé mèle*, e a legalidade se houve com mais basofia do que valentia e disciplina, e, em todo caso, com mais ferocidade. A' pouca força de linha se tinha aggregado a paisana, ou sertaneja, tendo á sua frente prepotentes famarazes, perdidos e viciados nas luctas de outros tempos, parte delles — antigos *carcundas*, que adheriram, voltando as armas contra os amigos!

Entre a gente da legalidade, formando um effectivo de 300 homens, salientava-se Agostinho José Thomaz de Aquino, coronel de milicias, coberto de condecorações, pelo Imperador deposto, em attenção aos morticínios de 1824, nos quaes figurára ao lado de Pinto Madeira, quiçá com menos respeito á vida e á honra dos republicanos, e com maior gana á fortuna delles.

Agostinho, astuto, máu e deshonesto, havia sido o factor principal da *comissão*, chamada *matuta*, que, no Icó, condemnou á morte diversos patriotas, e fel-os executar no dia seguinte, em frente á igreja do Bomfim!

José Mariano estava nos sertões, mettido num chafurdio horrivel de sangue, de politica aldeã, de especulações e de baixo militarismo, não dispondo de luzes, discernimento, pru-

deficia e força moral privada; pois que até era malsinado de usar immoderadamente de alcool, e os seus mesmos partidistas lhe estavam a lançar á cara, todo dia, a indisciplina, com que ajudára seu sogro a matar ao seu general (Manoel Joaquim) na revolta de 6 de março de 1817. nos quarteis do Recife.

A sua tropa matava desapiedadamente, sem nenhuma repressão.

Labatut, acompanhado da sua força, dirigiu-se para o Icó, onde, no dia 4 de setembro de 1832, recebeu de José Mariano, o commando de todas as tropas que operavam na comarca.

Concluída, porém, a guerra, como ficára com a derrota que José Mariano lhe inflingiu em Missão Velha (22 de junho), o papel do general se amesquinhára. A sua tarefa reduziu-se a cumprir as instrucções do presidente, dissolvendo os pequenos nucleos de vencidos, e a prender, assim, os cabeças da revolta, como os minimos auxiliares, para entregal-os á justiça.

Era grande a sêde de sangue. A vingança individual transformava em *pintista*, quem mais em paz se deixára ficar em sua casa. Agostinho fuzilava pelas estradas, e o alferes Antonio Vieira do Lago Cavalcante de Albuquerque (*) mettia horror, pela crueldade e furor, com que se havia.

* * *

Partido que vence, partido que se desaggrega. Os vencedores começavam a retalhar-se: a tropa da terra via com máus olhos a fluminense, que vinha succeder-lhe, cortando nos seus proventos. O que foi ciúme nos primeiros dias, tornou-se malquerença para logo, começando as desintelligencias de officiaes da terra com officiaes da expedição, os quaes os deslumbravam pelo melhor pôrte, sinão educação urbana, parecendo destinados a recolher os louros da victoria.

As praças da expedição fluminense eram negros, na quasi totalidade, havidos na Bahia e Rio-de-janeiro.

A populaça dos sertões, habituada aos soldados da terra, cabôclos, quasi todos, de origem, acolheu com estranheza aquella novidade, e entrou nas vias costumadas do motejo, prorompendo nas versalhadas e cantigas, com que acolhia os factos, por mais graves que fôssem.

A arraia miúda do Icó descantava na sua tuba mal sonante:

*Fecha a porta,
Lá vem Labatut
Com tropa de negros
Parece urubú.*

Um tal acolhimento não era de feição a ter em grande harmonia, os soldados e a populaça.

(*) Era tio-avô de Pedro Borges, ex-presidente do Ceará, responsavel da carnificina legal de 3 janeiro de 1904.

No entanto, Labatut, deixando-se vencer pela lastima, em que encontrára tanta gente, e movido da rivalidade que entrára até pelo seu espirito, affrouxou a perseguição aos vencidos, discrepando das instrucções de José Mariano.

Em marcha do Icó (pela estrada de S. Matheos) para o Cariri, chegou ao Crato em 19 de setembro, e officiou ao major Francisco Xavier Torres, que estacionava nessa villa, succedendo a José Mariano:

« V. s. nada mais faça, do que pôr-se na deffensiva, até a minha chegada nessa villa. Os povos estão cansados das suas passadas desgraças. Cumpre ter humanidade com aquelles que, instrumentos cégos dos perversos cabeças da revoita e sedição, desejam retirar-se a seus lares, para cuidarem da manutenção de suas miserias familias, que é necessario amparar e proteger.»

fez companhia na viagem a S. Matheos, mais ateando os ciúmes de Agostinho e Cavalcante.

Em 17 de outubro, Labatut já pedia do Crato, a José Mariano, que o deixasse retirar-se, com a sua expedição, para o Rio-de-janeiro, seguindo elle, dalli mesmo por Pernambuco, com o seu estado-maior e um piquête.

Na sua marcha de S. Matheos para o Crato, no acampamento de *Correntinho*, tinha recebido a Pinto Madeira e vigario Antonio Manoel, seu consocio na revolta, que, desarmados, com cerca de mil rebeldes, se tinham vindo entregar, deixando os seus escondrijos.

Labatut commetteu o crime *morte piandum* de mandar os rebeldes em paz para as suas casas, e de subtrahir os dois chefes a José Mariano, que os teria deixado matar immediatamente, como era costume e proposito dos seus amigos.

bro mais saliente da familia, assim mais numerosa da terra, como mais ardente e rixosa; alli devia Pinto Madeira morrer morte affrontosa, si voltasse um dia, para remir, com o seu sangue, tanto mal, que lhe que-riam!

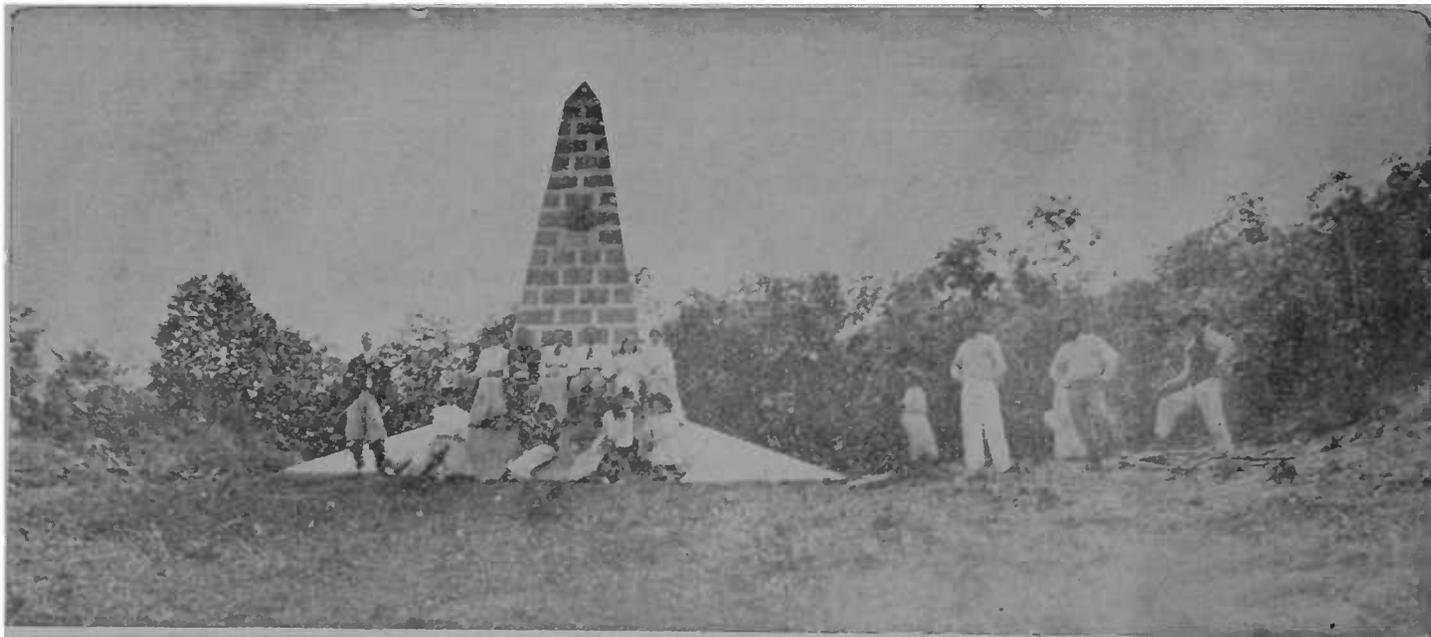
J. BRIGIDO.

(Continúa).

SCIENCIA E INDUSTRIA

O LEITE ESTERILISADO

São conhecidas as impugnações feitas ao leite esterilizado para alimentação das creanças, como insufficiente e de digestão difficil. Entre nós, muita gente não acredita nas vantagens daquella precaução, como uma garantia da saúde dos filhos na primeira infancia.



MARCO PRINCIPAL DA FÓZ DO IGUASSÚ, NO FIM DA LINHA DA FRONTEIRA ENTRE O BRAZIL E A ARGENTINA

Esta linguagem era de Cambucy do Valle; o sentimento positivamente deste reflectiu n'alma de Labatut, que já estava trabalhado pelo despeito resultante dos *quolibets*, que começava a perceber, tudo importando já um rompimento com o partido do governo.

Outra não menor inconveniencia tinha commettido o general, accetando os bons officios do velho chefe *carcunda*, tenente-coronel João André Teixeira Mendes — uma das feras de 1824, já então inimigo figadal de Agostinho, e principalmente do seu apaniguado alferes Cavalcante, que o tinha deixado quasi morto de cacête, em janeiro de 1824. João André meditava fazel-o morrer, como aconteceu a 30 de Julho de 1833, quando o desapercibido general já tinha deixado o Ceará.

João André, obsequiosamente, lhe

Fôram entregues ao capitão José Joaquim da Silva Santiago, que tinha vindo de Pernambuco com alguma força occupar a villa do Jardim. Era a ordem—escortal-os, garantindo-lhes a vida, e entregal-os ao presidente de Pernambuco, a quem o general officiou, dizendo que ficavam á disposição, directamente, da regencia.

Labatut communicou o facto á regencia, em termos a fazel-a propicia aos dois chefes da revolta, os quaes elle costumava considerar, antes umas victimas da perseguição dos seus inimigos, do que os criminosos de Estado, que elles figuravam.

Inde ira

No Crato, estava o fóco dos inimigos de Pinto Madeira. Alli fazia politica a familia Alencar; alli era chefe *abrilista* José Francisco Pereira Maia, moço sem sizo e turbulento, mem-

O dr. Variot, medico do hospital das creanças, em Pariz, autorizado por uma longa experiencia, preconisa o leite esterilizado a 108 gráus, que administrou, durante doze annos, na quantidade de 400.000 litros, a 3.000 de seus pequeninos clientes, e verificou que elle não perde o valor nutritivo, conservando suas lecitinas, seu citrato de cal, sua lactosa. Esta não se caramelisa, como erradamente se suspeitava.

* *

PARASITA DE SARDINHA

Nas sardinhas pescadas nas costas da Vendéa, descobriu o dr. Marcel Baudoin um novo parasita, um pequeno crustáceo, denominado pavilhão, de fórmãs elegantes, e brilhantemente colorido quando está vivo, agarrado aos peixes menores daquella especie.

Essa descoberta é muito importante porque se attribue a esse parasita a diminuição das sardinhas, forçando os pescadores francezes e inglezes a procural-as noutras costas, como as de Portugal e Hespanha, suscitando essa pesca de contrabando sérias contestações internacionaes.

O combate a esse parasita restaurará uma industria que constitúe o meio de subsistencia de grande parte da população pobre do littoral francez.

*
**

INFECÇÃO DO CÃO TRANSMISSIVEL AO HOMEM

Isto váe como conselho de amigo ás senhoras que têm o máu costume de beijar cães, de consentir que estes lhes lambam os labios em caricias repugnantes.

A lingua do cão, por mais mimoso

FERMENTOS METALLICOS

Fazem elles o assumpto de um interessante estudo de Albert Robin de collaboração com G. Bardet.

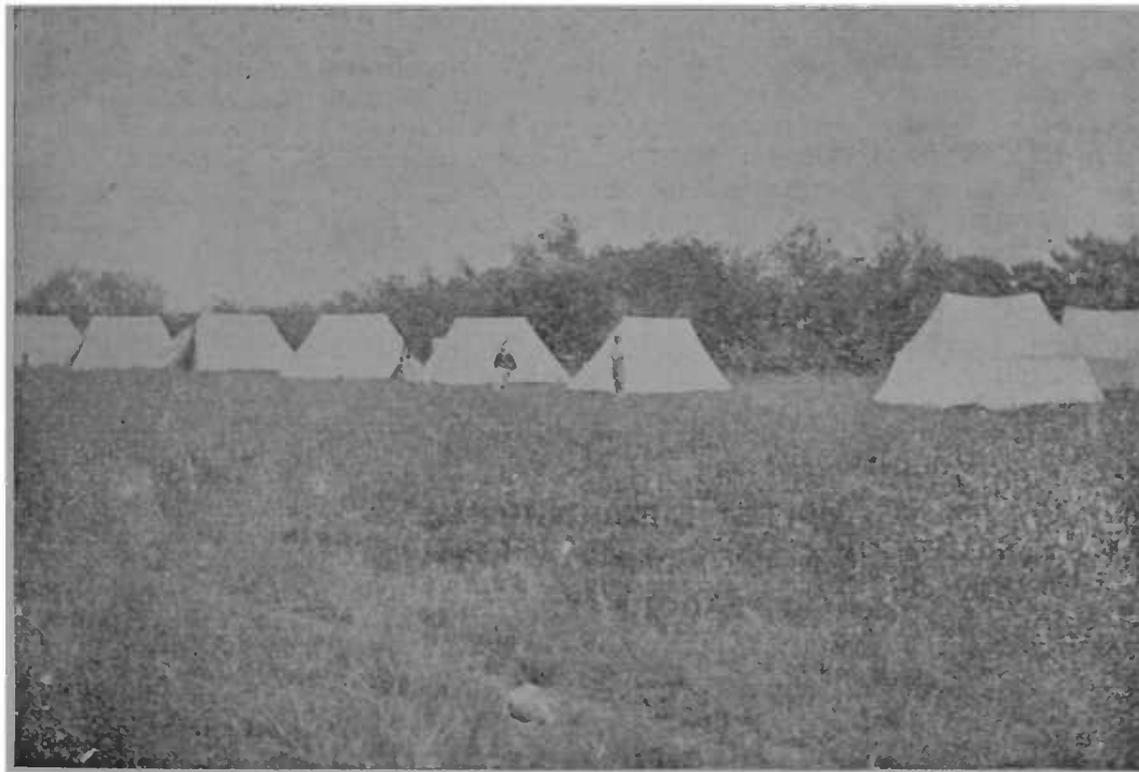
Injectando sob a pelle soluções contendo alguns decimos-millesimos de gramma de um metal — opalladium, a platina, o oiro, a prata — observam-se effeitos chimicos consideraveis, em tudo similares aos das diástases extrahidas dos levêdos. Nessas doses, quasi infinitesimae, os metaes dissolvidos n'agua são capazes de uma grande actividade, attribuida pelo professor Robin ao seu estado de extrema divisão, que liberta, de algum modo, seus átomos, e os torna susceptiveis de desenvolverem mais energia, effeito analogo ao dos raios rarefeitos de Crookes, de sorte que esses metaes se pódem considerar — materia metallica no estado radiante.

peuticos do mal que vamos assignalando.

E' velha e estafada já esta phrase, cuja paternidade não conhecemos, mas que anda por ali de bôcca em bôcca: *abrir escolas é fechar cadeias*; e seria, portanto, ocioso, nos dias que vão correndo, pretender adduzir novos argumentos afim de demonstrar a sua exactidão.

A questão do ensino obrigatorio, porém, pelas divergencias que tem suscitado, merece a nossa attenção por alguns momentos, uma vez que a extensão e a natureza deste livro não comportam mais desenvolvido estudo a seu respeito.

Antes do mais, todos sabem que, por muito que se pretenda ou se consiga democratizar as proprias democracias, hão de subsistir em seu seio sempre, essas differenciações de classes e



ACAMPAMENTO DA COMMISSÃO BRAZILEIRA EM S. MARCOS

e aceiado que elle seja, é vehiculo de varios germens nocivos, como o da molestia hydatica, devida á invasão dos echinócoccus e consecutivas lesões, kistos perigosos, no figado e nos rins do homem.

Os cães e, excepcionalmente, os gatos, se contaminam, comendo visceras de boi, de carneiro e de porco, invadidas de echinócoccus muito férteis.

Como prophylaxia dessa infecção, o dr. Blanchard aconselha medidas muito severas nos matadoiros urbanos — a distruição por incineração de todas as visceras invadidas pelos hydatidos; assim como a prohibição de entrarem nelles cães, que se constituem portadores do germen.

A melhor prophylaxia, porém, é evitar beijos aos cães como um contacto extremamente perigoso.

Passando da theoria á pratica, o professor Robin procurou tirar proveito da energia desses fermentos metallicos para o tratamento de certas molestias, em que é preciso estimular a reacção do organismo contra a infecção e seus productos toxicos, obtendo na pneumonia resultados muito satisfatorios.

ENSINO OBRIGATORIO (*)

(CONSIDERAÇÕES GERAES)

Não nos parece que sejam precisas aturadas ponderações para demoustrar a necessidade do ensino obrigatorio, senão do ensino geral, pelo menos do ensino primario, que é, no presente caso, o de maior importancia, como um dos mais efficazes agentes thera-

de hierarchias, impedindo assim, o nivelamento de todas as camadas. Perscrutando as suas origens, pôde-se chegar á conclusão de que se não trata somente de preconceitos, nem de prerogativas estabelecidas, de privilégios de raças nem de paizes: trata-se, principalmente, das condições de educação, variando de grupo para grupo.

Ora, se é verdade que entre as classes chamadas dirigentes, entre as classes superiores, pela sua educação, pela sua situação economica, pela sua genealogia, uma lei de ensino obrigatorio poucas vantagens viria trazer á instrucção da infancia porque essa se exerceria quasi do mesmo modo que com o actual ensino voluntario — o mesmo não aconteceria em relação ás classes inferiores, ás classes pobres, ás classes ignorantes, onde justa-

mente o crime váe encontrar os seus sequazes.

Deve-se pôr de lado, como incapaz de ser tomado a sério, o argumento levantado pelo strabismo sectario, que tudo vê por um prisma unico, o protesto injustificavel dos que se querem insurgir contra essa utilissima medida, por julgal-a attentatoria da liberdade do homem.

Se semelhante theoria podesse prevalecer, teria que mudar completamente a face de todas as cousas.

Porventura o direito que assiste ao Estado, em beneficio de toda a communnão, de impedir o analphabetismo, de *obrigar* todos aquelles que estão sob a sua jurisdicção a aparelhar-se para a vida futura com a aquisição de elementos especiaes que serão indispensaveis ao seu desenvolvimento, a conhecer as suas relações com a sociedade, a saber quaes são os deveres que ella lhe exige e as recomendas que lhe dispensa, não é o mesmo direito que faz *obrigar-nos* ao pagamento de impostos, ás formalidades indispensaveis para a realização dos actos civis, ao serviço militar para a defeza do nosso territorio?

O zelo tanto maior, o interesse tanto mais avantajado que dispense aos seus subditos, dotando-os dos recursos que possam eleva-los e engrandecer a sua patria, não deverão, de preferencia, ser tidos em grande apreço, do que combatidos e condemnados? Seria contraproducente negal-o.

Pela uesma razão por que cumpre aos poderes publicos impedir que um individuo se apresente entre os seus semelhantes inteiramente desprovido das véstes que o compõem aos olhos da collectividade, é justo que se lhe dê igual autoridade para evitar que esse individuo venha para a communnão dos homens, com o cerebro totalmente vazio, sem uma idéa, sem um pensamento, sem noção de cousa alguma, impedido de ser verdadeiramente util á patria e antes podendo ser nocivo, expondo-se e expondo-a, algumas vezes, aos perigos que d'essa ignorancia possam decorrer.

Se precisassemos demonstrar a asserção acima formulada, seriam desnecessarias outras provas além desta que, para melhor, se applica ao nosso caso particular: quem indagar da situação espirital dos nossos criminosos, terá occasião de apurar que é diminutissima a porcentagem dos que possuem uma soffrivel cultura intellectual, um pouco maior a dos que sabem ler e escrever apenas e maior que as outras a dos analphabetos.

Já no capitulo terceiro da primeira parte deste trabalho, quando nos occupamos do que se póde chamar o abandono physico da primeira infancia, assignalámos com dados estatisticos, a cifra colossal do analphabetismo no

Brazil—que sóbe a 12.213.356 individuos!—e tivemos occasião de afirmar que deve ser procurada ahí a explicação judiciousa para todos os males que nos assoberbam. Logo em seguida transcrevemos algumas palavras characteristics de Gabriel Caillaut, acerca da instrucção na Inglaterra, palavras para as quaes, não fôsse o receio de parecer importunos, chamariamos de novo a attenção dos que neste momento passam os olhos sobre estas linhas.

Ha, entretanto, um grupo de escriptores, entre os quaes podemos aqui citar Fouillée, que vêm na Escola Publica, uma das causas de perdição da mocidade. E' preciso, todavia, considerar, sem demora, admittindo o fundamento dessa proposição, que ella em nada destruirá o valor e a efficacia do ensino obrigatorio.

Porque um estabelecimento presidiario é mal organizado, não se infere d'ahí que se devam abolir os presídios, ou porque a constituição d'um paiz repousa sobre bases que não consultam as suas tendencias e as suas necessidades, não se conclue, tampouco, que essa nação deva desaparecer.

O fundamento dos que, como Fouillée, acreditam, baseando-se em estatisticas criminaes, que a Escola Publica é tambem factor do crime, ao inverso do que affirmamos acima e sustentámos com calor e comnosco a maioria dos bons autores, repousa sobre este ponto que, seja dita a verdade, é muito consentaneo: frequentando-a em commum crianças de varias edades, de varias procedencias, de varias condições sociaes, de varias indoles, aquellas cujo gráu de perversidade e de corrupção já seja manifesto influirão maleficamente sobre as que são ainda boas e innocentes, corrompendo-as e pervertendo-as tambem, sabido como é que os exemplos seguidos pelos alumnos entre si é em muito maior escala do que aquelle que vem dos mestres.

Não se poderia attribuir esse mal á moralidade dos professores, entre nós merecedora de toda consideração e assim tambem nos demais paizes, como se deprehende dum relatorio sobre a *Criminalidade Profissional*, apresentado em 1896 ao Congresso de Anthropologia Criminal de Genebra, pelo eminente escriptor francez Gabriel Tarde, por onde se verifica que, entre as differentes profissões, a classe dos professores fornece o diminuto contingente annual, para a criminalidade, de 1,58 por mil, ao passo que os homens de letras e os sabios concorrem com 4,49 por mil e as profissões liberaes, em conjuncto com 6,35 por mil.

O autor dessa estatística, ao qual nos reportamos, accrescenta que é fazer uma injuria aos professores represental-os como factor de immoralidade e factor de criminalidade.

Proseguindo no seu estudo, Fouillée constata que, sobre 100 crianças detidas no *Petite Roquette*, a escola congreganista concorreu com 11, ao passo que a escola leiga concorreu com 87. Elle proprio observa em seguida que não se póde por isso proclamar a inferioridade do ensino leigo, pois as condições das duas especies de estabelecimentos de ensino dão pouca margem a um estudo comparativo nesse sentido. Emquanto as escolas congreganistas pódem escolher os seus alumnos, as escolas publicas são obrigadas a receber todas as creanças que nella vão buscar ensino, sendo quadrupla, senão quintupla, a sua lotação em relação áquellas.

Em seus *Etudes de Psychologie Sociale*, Tarde pondera que neste particular dá-se approximadamente o que se dá com as prisões communs: da promiscuidade resulta que a virulencia das enfermidades moraes se exerce de modo desvantajoso, fazendo com que as muitas creanças boas, adquiram, por contagio, os males de que apenas poucas estavam atacadas. Acontece, porém, que, se nos estabelecimentos penitenciarios ha um remedio para esse grave inconveniente, que é o regimen celllar, para a escola esse remedio é improductivo, pois ninguem conceberia uma Escola Publica para ensino primario, ou mesmo secundario, dividida em cellulas.

Além disso, dividir uma Escola Publica, mesmo em secções, conforme o gráu de moralidade das crianças que a frequentassem, seria não só degradante para os alumnos atingidos por essa medida severa, como para os seus paes. Qual a medida, então, capaz de produzir melhores resultados? Pensa Tarde, com inteira razão que será de indiscutivel utilidade fazer com as escolas o mesmo que deverá ser feito com os hospitaes e com as prisões: diversifical-os, ao envez de engrandecel-os e unifical-os: em lugar de grandes «palacios escolares», fazer funcționarem muitas escolas, cada uma das quaes para um limitado numero de alumnos, «offerecendo a diversos grupos da população um meio de segregação expontanea».

Vencidas todas essas objecções, o ensino primario obrigatorio será de vantagens indiscutíveis em nosso meio e acabará com essa massa compacta de analphabetos que alastra vergonhosamente o nosso paiz. Ao demais, accresce que essa medida não seria inquisitorial: cada familia teria a liberdade de collocar o seu filho, ou a criança, qualquer que fôsse, sob sua guarda, na escola que melhor lhe aprouvésse e melhor confiança lhe inspirasse, desde que esta se sugeitasse á fiscalisação do Estado, para evitar a nociva mercantilisação do ensino, aquillo que Araripe Junior chamou «o charlatanismo dos industriaes».

No intuito de se poder colher os fructos duma legislação nesse sentido, apurar-se-ia, escrupulosamente, a frequência de cada alumno, instituindo, a exemplo de algumas legislações estrangeiras, das quaes nos vamos occupar adiante, toda uma série de penas, desde as mais simples até ás mais severas, para serem applicadas, tanto ás crianças recalitrantes como aos paes que tivessem tão fraca consciencia dos seus deveres, permitindo ou estimulando o não comparecimento de seus filhos a esses estabelecimentos de ensino.

Taes penas variariam, como em diversos paizes, desde a simples admoestação, até á perda do poder paterno e á internação da criança em escolas especiaes durante um determinado espaço de tempo, espaço que poderia ser prolongado, em caso do menor revelar más inclinações e más costumes.

Já Olavo Bilac, o fino poeta e chronicista nacional, em novembro de 1904, na apreciada secção *O Registro*, que redige na *Noticia*, levantou a bandeira do ensino obrigatorio; e José do Patrocinio, o denodado campeão do abolicionismo e o fulgurante jornalista que todos nós amamos, na secção que tem a seu cargo naquella mesma folha, occupou-se brilhantemente do assumpto, secundando, com o seu applauso, as palavras daquelle primoroso escriptor. São dous nomes esses que valem bem para que seja preciso renovar argumentos em favor de tão nobre cruzada.

Buscando, como acabamos de buscar, em refôrço ás nossas considerações, a autoridade dum estimado poeta, não é justo deixar de citar estes versos tão expressivos :

«Avons-nous protégés ces femmes? Avons-nous
Pris ces enfants tremblants et mis sur nos
genoux?
L'un sait-il travailler et l'autre sait-il lire?
L'ignorance finit par être le delire.
Les avons-nous instruits, aimés, guidés
enfin,
Et n'ont-ils pas eu froid? et n'ont-ils pas eu
faim?»

FRANCO VAZ.

(*) Do livro *A Infancia Abandonada*, em preparo, no desempenho duma commissão junto ao ministerio da Justiça.

BISBILHOTICES

A leitura dos jornaes que se publicam na Capital Federal, consome, diariamente, 100:000 horas, concedendo que sómente 100:000 pessoas se occupem desse trabalho ou exercicio intellectual, e que sómente este numero de

pessoas faça exercicio de leitura no meio de uma população que não deve ser inferior a 800:000 habitantes.

Será mesmo muito mais de 100:000 o numero de leitores, e a média de uma hora, para cada um, não é exaggerada, ainda porque não incluímos nesta perda de tempo, o que se gasta na leitura de manuscritos e livros diversos, em quantidade avultadissima, que são manuseados, noite e dia, pelos apaixonados, ociosos, *diletanti*, etc.

Que seja sómente de 100:000 horas, o consumo de tempo nessa especialidade de occupação urbana, temos ahí um dispendio de 4.166 dias.

Ora, toda essa gente, a plantar batatas, produziria quanto bastasse para o consumo de toda a cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, como lhe chamava o celebre dr. Francisco Alberto Patroni Martins Maciel Parente.

Com mil pessoas que façam a leitura diaria de jornaes no Rio de Janeiro, extendidas em linhas pegadas umas á mão das outras, fariam um cordão de nunca menos de 700:000 palmos, isto é, 70:000 braças, ou 70 milhas, as quaes iriam além de Cabo Frio.

Nestas condições, se tivéramos a dictadura dos trabalhos e industrias humanos, fariamos supprimir trez quartos dos jornaes que se publicam no Rio de Janeiro, e, nos restantes, trez quartos dos annuncios e palavreados chôchos; e por coisa alguma permitiríamos que viesse á luz o jornal *União*, que pretende as honras de órgão dos interesses e direito de Nosso Senhor; jornal que reputamos tanto menos urgente, quanto é certo que, até este momento, não está organizada nenhuma opposição á politica de Deus, e nem tem que vêr com ella absolutamente o estado de sitio vigente.

Segundo Beranger, parece certo, outro tanto, que Deus já não está em idade de entender bem a idéa que se fórma delle neste mundo; e o que se diz na *União* lhe ha de parecer *grego*.

Eis, portanto, como nos julgamos no direito de dizer á *União*, que não havia pressa; muito dispensavamos o seu apparecimento agóra, porquanto os assumptos mais momentosos, como seja a discussão do *Padre Nosso*, e outras que taes, já encontram um valente campeão, na tribuna da Camara, na pessoa do deputado Gonçalo Souto, futuro marquez de N. Senhora do O' e bispo titular da villa de Maria Pereira, no Estado do Ceará, contra cujo verbo e adverbios têm se mostrado impotentes os infieis, mesmo os da força do sr. Erico Coelho.

Em conclusão, cumpre não augmentar o numero das pessoas que devem estar plantando batatas.

J. HYBRIDO.

O ALMIRANTE (13)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO IX

O conselheiro Antonino e a familia formavam o nucleo de um denso grupo de amigos, que esperavam, na estação da estrada de ferro d. Pedro II, a marquezia e Hortencia. Allí estavam, em variada selecção, as figuras mais salientes da politica, da côrte, certos typos caracteristicos dos diversos aspectos pittorescos da sociedade fluminense: a baroneza de Freicho, esbelta e loira, de uma têt doentia, colorida de tons febris, de labios breves, muito rubros como uma cicatriz fresca, sempre entreabertos num sorriso triste, sem expressão, um inalteravel ricto de boneca, os olhos de azul celeste luzindo na penumbra de palpebras rouxeadas, arrastando a sua permanente preguiça figurava um corpo molle, desarticulado, contorcendo-se nas amplas dobras de vestidos preciosos; muito assiduo junto della, Souza e Mello dizia-lhe coisas alegres, pimentadas de malicia, de ironia irritante com que salpicava as suas palavras de celibatario impenitente, os seus conceitos de jurista abalisado; o Castrinho, esperto corrector da alta finança, trajado á ingleza, com os cabellos emplastrados na fronte curta e morena, onde caíam como úas azas de passarinho, muito aparadas, as pastinhas ralas demais para encobrirem a calvicie precóce, todo elle muito esticado e erecto, andando aos saltos, pulinhos espertos de tico-tico.

Afastados do grupo, como se não ouzassem conchegar-se ás pessoas de tamanha importancia, estavam José Martins, o compadre, como lhe chamava a marquezia, com a mulher, a meiga Marianninha e os filhos, o encanto e a gloria do casal, desde o mais velho, um bello rapaz de deseseis annos, até á Guilhermina, com seis annos apenas; todos vigorosos, vibrando de graça encantadora, loiros, corados, os rostos róseos, a provocarem beijos.

Notando-os entre o povo, que enchia a estação, aguardando viajantes ou a multidão de passageiros que os trens de suburbio despejavam e recebiam sem interrupção, d. Eugenia se acercou de Marianna, que fôra sua collega de collegio, até se separarem — esta para ser esposa de um obscuro negociante, interessado numa casa de seccos e molhados, vivendo no hemispherio inferior da sociedade; a outra se unira a um medico e pairava nas sublimes regiões da côrte. A diversidade de destinos não lhes afrouxára os laços de affeição: continuaram muito amigas, encontrando-se uma vez por

outra, e visitando-se raramente : uma, muito atarefada com os seus deveres conjugaes ; outra, tendo, além da educação de trez filhas, a penosa tarefa de manter relações valiosas, os varios onus vexatorios da grande rôda em que vivia, obrigada pela elevada função do marido.

— Logo vi que não faltarias — dizia d. Eugenia, depois de uma estalada tróca de beijos — á recepção da tua comadre que me raptou a Hortencia, ha quasi dois annos.

— Tinha tanta saudade, tanta pena della — redargui Marianna com voz meiga e lenta — que corri a abraçá-la

— Como estás bem, Marianninha ! Achô-te um tanto gorda, mas admiravelmente conservada, o mesmo typo do collegio mais ampliado e mais correcto.

— Saúde, graças a Deus, não me falta, minha cara Gininha ; meu marido é um santo ; os filhos a minha alegria, apezar do immenso trabalho que me dão. Quando algum delles adoéce, chego a perder a cabeça. Olha que são oito.

— E. pelos modos, és ainda capaz de outro tanto.

Marianna corou e sorriu.

— Se deixasses — continuou d. Eugenia, num tom de doçura maternal — essas maneiras bisonhas ; se te vestisses com mais apuro, serias ainda mais bella. E' verdade que isso váe do genio : sempre te conheci retrahida, embuçada nuns vestidões pesados, muito simples...

— Agóra, peor ainda ; porque eu mesmo os côso.

— Sobra-te ainda tempo para isso ?

— O tempo chega para tudo, quando a gente sabe empregal-o. Eu te digo : o dia começa com os filhos, que não sabem ainda vestir-se sósinhos ; depois, dou almoço ao marido e começam as lições, todos em rôda de mim, muito agarradinhos commigo. Emquanto escrevem ou estudam, eu coxico os meus trapos. Mais tarde dou uma vista d'olhos á cosinha, e, á tarde, mudo de traje ; torno-me seductora para receber o maridinho, coitado, que chega fatigado do trabalho ; toma o infallivel banho frio e jantamos : isto até cinco horas. Terminado o jantar, damos uma volta pela chácara com a meninada a correr, a brincar em torno de nós ; cuidamos das nossas rozeiras, das nossas queridas flôres até que a noite nos manda ao ninho. Os filhos se entretêm com o pae, que os atúra com paciencia inalteravel, ao passo que eu lhes preparo bem fofinhas e limpas as camasinhas, trabalho jamais confiado aos creados.

Quando elles adormecem, eu e o Martins conversamos durante algum tempo, umas duas horas ; elle me faz confidencias dos negocios, dos casos mais notaveis da vida da cidade, ou

trabalho em escripturação urgente, interrompendo os meus cochillos com alguma palavra amavel, até que nos servem o chá.

A's dez em ponto recolhemos ao nosso quarto, tendo antes passado rapida revista ao dormitorio dos pequenos. Isto é o ordinario, o infallivel, quando não nos distrahem visitas.

— Deve ser monotono...

— Estou tão habituada e tão satisfeita, que o tempo passa depréssa.

— Ah, minha querida, tua casa é um mecanismo de precisão ; a minha é um relógio desconcertado, que me faz mal aos nervos. Apezar dos habitos de regularidade do Antonino, as meninas desorganizam tudo ; cada uma dellas tem as suas predilecções ; as suas horas de despertar... E' o café com leite para Amelia, o chocolate com grandes torradas para a Laura, o chá para a Hortencia a horas diversas. Imagina isso agóra sem os escravos, com os creados de aluguel que tiram o juizo da gente, além de não se poder contar com elles...

— Era peor com os escravos, preguiçosos e máus ; por, que eramos forçados a atural-os. Agóra, temos o recurso de despedil-os.

— E o serviço ?...

— Faço-o eu. Isto acontece rara vez, porque estou satisfeita com os meus.

— E' verdade que ha amos muito peritos em domesticar criados.

— Outros são insupportaveis ; nem um santo os serviria.

O conselheiro Antonino, que discreteava com o Martins sobre as promessas de medidas salvadoras, feitas pelo gabinete, approximou-se das duas senhoras e, com irreprehensíveis maneiras meigas e fidalgas, apresentou suas homenagens a d. Marianna.

— Eu estava — disse elle — tagarellan com o amigo Martins : não quiz interromper o muito que as senhoras têm a úizer, quando se encontram, como boas amigas que são.

— E... velhas — concluiu Marianna, sorrindo.

— A mocidade — proseguiu Antonino — é uma flôr que dura, para as senhoras, cincoenta annos. Não lhe pergunto pela saúde, porque se lhe vêem no rosto traços muito accentuados de vigor e bem estar. A próle aqui está inteira...

— E o sr. conselheiro sempre amavel.

— Ah ! minha querida senhora, se bem que a cortezia seja o mais sagrado dever de um cavalheiro para com as damas, uma virtude antiga dos homens superiores, eu sou, strictamente, justo e convicto quando lhe apresento a minha devoção de amigo e admirador, e, releve-me, dizel-o : quando fazemos, em familia, a critica dos costumes fluminenses, que se vão encrustando de barbarismos, destoantes com a nossa tradição e a nossa

indole, acóde-me, sempre, a senhora, como exemplo do typo de mãe de familia brasileira.

— Oh, meu Deus, tanta honra !...

— Outro dia, em uma recepção no palacio Guanabara, não sei a que proposito.

— Das parasitas — acudiu d. Eugenia.

— E' verdade. A proposito de bellas orchidéas que o senhor Martins offerrou á Serenissima Princeza. Sua Alteza, amadora apaixonada dessas joias de nossa opulenta flóra, ficou encantada. Dos dez especimens raros, quatro erão absolutamente desconhecidos, classificados pelo doutor Rand, naturalista americano residente no Pará, e autor de um precioso tratado de botanica.

Como Sua Alteza manifestasse o desejo de conhecer quem lhe fizera o régio mimo, a Eugenia fez a biographia do nosso amigo e a de vossa excellencia.—

— Por signal que me lançaste olhos cheios de censura quando eu dizia: madama Martins, como é chic na alta sociedade.

— Que horror ! — exclamou — Marianna — Quando ouço chamarem a uma senhora brasileira de *madama*, se me figura tratar-se de uma costureira arremedando modistas francezas.

— Mas, é a móda.

— Muito bem, muito bem — affirmou o conselheiro, com vehemencia. — A móda é isso: o arremêdo inconsciente, vicioso, sem respeito ás nossas tradições, nem á hygiene, nem ao clima.

E' o gallicismo, deturpando a mais formosa e rica das linguas, transportando, com os seus termos exóticos e pandegos, os acháques das velhas nações decrépitas. Não é uma degeneração lamentavel substituir o nosso *dona*, tão elegante, tão fidalgo, por *madame*. E não fica ahi o vêzo: invade a familia; transfórma a camara, em *boudoir*, a alcova em *quarto de dormir* o nosso timão, em *robe de chambre*, o traje, em *toilette*; váe á sala de jantar com os termos *menú*, *entrées*, *dessert*...

— Eu não me acommódo com esses francezismos — disse Marianna.

— Entretanto, tu falavas francez — objectou d. Eugenia.

— Ainda arranho um pouco para ensinar os pequenos.

Ouviu-se, nesse momento o silvo da locomotiva do expresso retardado, aproximando-se da estação, offegante, ruidoso, como um monstro extenuado, cuspidando para o tecto do galpão golphadas de fumo negro em contraste com os jactos de vapor alvissimo a esguicharem das valvulas abertas.

Houve um fremito de alegria entre os amigos da marquezia: avançaram todos para o comboio e se conchegaram ás platafórmas dos carros, dentro dos quaes se moviam, como

sombras vagas, os viajantes mettidos em largos guardas-pó brancos, passando a carregadores mal vestidos de blusas pardas, numerados no peito e nos velhos bonets murchos, malêtas e embrulhos pelas janellas estreitas.

A baroneza de Freicho e o Castrinho não se moveram: a ella custaria muito arrastar-se no percurso de alguns metros, envolver-se na multidão, acotovellando-se com maltrapilhos, gente pobre, que tambem ia ao encontro de parentes e amigos com esse alvoroço delicioso de quem váe matar velhas saudades. Ella tinha horror á promiscuidade, á ralé. Irritavam-lhe os nervos, muito melindrosos, as roupas usadas, as emanações acidas, como as dos rebanhos, exalados dos agrupamentos humanos, não disfarçados pelo artificio de perfumes subtis, maravilhosas invenções da chimica da elegancia. Por felicidade della, chegou muito apressada, muito afflicta pela supposição de não chegar a tempo de dar as bôas vindas á marquiza, a Dolores, conduzida pelo marido, o doutor Adeodato, cujo semblante, sempre dilatado num sorriso contrafeito, era deformado por oculos azúes. Ella, muito enfeitada, trajando sêdas rugidoras; elle, muito singêlo, de uma simplicidade passiva e resignada, soltaram exclamações explosivas de banal cumprimento avistando a baroneza que lhes estendia, mollemente, a mão enluvada.

— Já desembarcon a querida marquiza?—inqueriu Dolôres, quasi suffocada.

— O trem acaba de chegar — respondeu Castrinho, avançando para ella, com dois pulos de passarinho.

— Estivemos a pique de perder o bonde — observou o doutor. E' sempre assim.

— Ora, a minha eterna, a minha grande culpa — exclamou Dolôres — Ha sempre alguma coisa, que se olvida á ultima hora. Além disso, passei todo o dia a morrer de enxaquêca... Melhorrei, felizmente, ao cair da tarde e resolvi partir... Estavam aqui ha muito tempo?... Ui! Que calor!

— Viemos com o conselheiro — respondeu a baroneza, suspirando — Madame Martins tambem veio, com a infallivel ninhada. Um escandalo. Como é que uma senhora tem coragem de andar na rua com oito filhos!...

— E' muito cheia de si — concluiu Dolôres. Eu, graças a Deus, estou livre disso. A proposito, como váes daquillo?

— Assim... assim: não muito bem. Tenho soffrido tanto.

— E' que, talvez, não tenhas feito, com precisão, o que te ensinei. Outras amigas a quem communiquei o segredo estão muito satisfeitas e passam admiravelmente. Ao principio, é meio aborrecido... depois... Ah! mi-

nha querida que allívio, que tranquillidade.

— Deus queira. Tenho supportado dôres atrozés. A's vezes, fico tão magoada, que não posso andar. E o peor é soffrer em silencio, sem me queixar para que o barão não saiba.

— Ora, o barão. Quê se contente com possuir uma mulher bonita e chic como tu. Palavra que aquelle lôrpa não te merecia. Olha, a nossa fidalga, a nossa querida marquiza.

E as duas fôram ao encontro da marquiza, que vinha caminhando lentamente pelo braço do conselheiro, e saudando os circumstantes com gestos amaveis. Hortencia, muito crescida, surprehendêra a mãe e as irmãs com os seus modos de moça, roceira numa portentosa exuberancia de vigor e saúde.

— Como váe passando, baroneza? Dolôres, como estás — dizia a marquiza, meio suffocada por beijos e abraços — Acho-as muito desfeitas..

— E' este empestado clima do Rio de Janeiro — respondeu a baroneza, magoada.

— Pois eu não me sinto mal — atalhou Dolôres.

— Pôde ir descançada senhora comadre — interrompeu o Martins — que me encarregarei das bagagens.

— Ah, meu caro, você é uma providencia.

E seguiu, apoiada no enrijado braço do conselheiro, acompanhada pelo numeroso séquito de amigos até ás caruagens, postadas defronte da estação, no meio do atordoamento da vozeria dos cocheiros e dos carregadores, em desabrida disputa.

(Continúa)

Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDA DE UM ESTUDO CRITICO

DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 2^a

CAPITULO II

PROBLEMAS

1. Tratemos agora das quantidades negativas como soluções dos problemas do primeiro grão, onde nos demoraremos muito pouco, por já ir este trabalho mais adiante do que era o nosso desejo.

Ha um principio em Algebra que fornece um meio de se aproveitarem as soluções, ditas negativas, a que dão lugar certos problemas, o qual pôde ser assim formulado:

Toda a solução negativa de uma equação do primeiro grão a uma incognita, sendo tomada positivamente, satisfaz á equação que se obtém, mudando na primeira o signal dos termos em que figura a dita incognita.

E' tambem sabido que este principio teve lugar depois que se resolveu um problema do genero deste: — *Um obreiro trabalhando em casa de um particular durante 12 dias, e tendo comsigo, durante os 7 primeiros dias, sua mulher e seu filho, receber 46 francos;*

trabalhou depois na mesma casa 8 dias, sobre 5 dos quaes teve elle ainda em sua companhia sua mulher e filho, e recebeu 30 francos; pergunta-se quanto ganhou por dia por sua parte e quanto ganharam conjuntamente, no mesmo tempo, sua mulher e filho — no qual, se chamando a o ganho diario do marido e y o da mulher e filho, se chega ás equações

$$\begin{cases} 12x + 7y = 46 \\ 8x + 5y = 30 \end{cases} (1)$$

que dão para solução: $x = 5$; $y = -2$.

Diante do embaraço creado pelo valor negativo de y, si substituirmos o valor de x nas equações (1), teremos:

$$\begin{cases} 60 + 7y = 46 \\ 40 + 5y = 30 \end{cases} (2)$$

que nos deixam vêr que o valor negativo achado para y, provém de encerrar o enunciado do problema um absurdo, pois que na primeira equação 46 não pôde evidentemente ser igual a 60, quanto mais a $60 + 7y$; da mesma maneira que na segunda 30 não pôde ser igual a 40, quanto mais a $40 + 5y$.

Como procede, porém, a sciencia actual?

Da seguinte fórma:

Si em lugar de se considerar o dinheiro attribuido á mulher e filho como um ganho, se o considerar uma despeza feita por elles, será preciso subtrair essa importancia do dinheiro ganho pelo marido só, e não haverá mais cotradicção nas equações (1), pois que ellas se transformam em:

$$\begin{cases} 60 - 7y = 46 \\ 40 - 5y = 30 \end{cases} (3)$$

que nos dão: $y = +2$; donde se conclue que si o marido ganhou 5 francos por dia, sua mulher e filho lhe deram uma despeza diaria de 2 francos, o que é facil de verificar.

E' bem claro, pois, que o valor negativo de y, nos advertindo de que o enunciado do problema encerra um absurdo, pelo artificio empregado de considerar o valor de y não um ganho, mas uma despeza, o nosso problema deve ser o seguinte:

Um obreiro trabalhando em casa de um particular durante 12 dias, tendo comsigo, nos 7 primeiros dias, sua mulher e filho, que lhe deram uma despeza, recebeu 46 francos; trabalhou depois 8 dias, sobre 5 dos quaes leve comsigo sua mulher e filho, que ainda lhe deram uma despeza, e recebeu 30 francos; pergunta-se quanto ganhou por dia, e quanto gastaram sua mulher e filho.

Problema este, que condúz evidentemente ás equações:

$$\begin{cases} 12x - 7y = 46 \\ 8x - 5y = 30 \end{cases}$$

que são as equações. (3)

Eis, pois, a maneira porque actualmente, na maioria dos casos, se interpretam as soluções negativas, isto é, como a sciencia actual que considera os negativos maiores do que zero, e exprimindo um sentido directamente opposto, serve-se muitas vezes de uma solução negativa para reconhecer no enunciado de um problema o absurdo que não foi reconhecido á primeira vista.

D'ahi, surgiu o principio a que acima nos referimos, e que ensina o meio de vencer o embaraço em que se encontram os mathematicos diante de uma solução que o problema não comporta.

Será racional, e obedecerá a uma philosophia sã a acceitação de um tal principio?

Uma solução negativa sendo tão natural como uma positiva, conduzirá, na verdade, a um tal principio? Não.

Com effeito, o problema em questão não conduziu a solução negativa alguma. Para se achar o valor de y, se substituiu na segunda das equações (1) x pelo seu valor 5, o que dá:

$$40 + 5y = 30, \text{ donde} \\ 5y = 30 - 40, \text{ donde}$$

$$y = \frac{30 - 40}{5}$$

Este quadro nos mostra que y é, não um numero negativo, e sim o quociente da divisão entre uma subtracção impossível e o numero 5, isto é, y é o representante de uma operação impossível, e como tal uma entidade sem significação.

E si se notar que o problema que encerrava um absurdo conduziu a uma operação impossível, tendo, além disso, sido traduzido abstractamente com toda a regularidade, o que se deve concluir é que:

Quando na traducção abstracta de um problema se chegar a uma operação impossível, este problema encerra um vicio, accusado pela impossibilidade, de se realizarem as operações a que deu lugar.

Este deve ser o principio formulado pelos que reconhecem a fatalidade da subordinação do abstracto ao concreto, porque si a mathematica abstracta, representando por signaes os elementos de um phenomeno, determina seu modo de relação, é claro que, quando se chega a uma operação impossível, só se póde concluir, dada a perfeita traducção abstracta, que a questão formulada encerra um absurdo, visto que as transformações analyticas só pódem conduzir a resultados anormaes, por effeito de hypotheses desregradas.

Quer se formúlem taes hypotheses no dominio abstracto, quer no dominio concreto se formúlem problemas que encerram absurdo, não se chega a numero negativo, ou solução negativa alguma, e portanto é falso o principio a que vimos nos referindo, e deve ser banida das sciencias exactas.

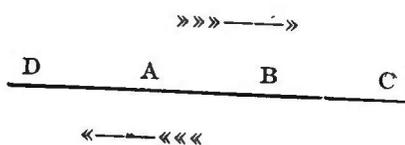
Foi uma operação impossível e não uma solução negativa que nos advertiu encerrar o problema citado um vicio, que consistia em se fazer uma somma, quando se devia fazer uma subtracção.

E si o engano das actuaes theorias se limitasse a considerar a operação impossível, que por um contrasenso se effectuou, como uma solução negativa, que póde convir ao problema uma vez que se lhe mude o signal, como si a *qualidade* de uma quantidade podesse tão facilmente mudar, seria este um engano muito simples, diante da extravagancia de se verificar por meio das soluções, ditas negativas, o principio de Descartes, o que actualmente ha quem tenha se lembrado de mostrar.

O illustre dr. José Faustino é um dos autores que tiveram semelhante lembrança, como se lê á pagina 31 de sua obra, quando diz: —

«Para verificarmos com exemplos tudo quanto acabamos de expôr e demonstrar com relação ás quantidades negativas, e verificarmos concretamente a rigorosa exactidão da interpretação de Descartes com relação ás grandezas geometricas, ampliada por Benjamin Constant para todas as especies de grandezas, passemos a resolver alguns problemas:

Dois estafetas partem ao mesmo tempo dos pontos A e B distantes um do outro d leguas e seguem na direcção de A para B (da esquerda para a direita) fazendo o primeiro a leguas por hora e o segundo b leguas; pergunta-se: a que distancia se hão de encontrar?



Veamos até que ponto tem razão o illustre dr. Faustino.

(1) Por engano está no texto *leguas* em lugar de *horas*.

Supponhamos que o ponto de encontro seja C distante de A x leguas e de B y leguas.

Assim $AC = x$, $BC = y$, $AB = d$ e $AC - CB = AB$, ou substituindo estes segmentos por seus valores, $x - y = d$, que é uma das equações do problema. Vejamos a outra;

Si o primeiro anda a leguas por hora, gastará para percorrer a distancia x , tantas horas quantas vezes a se contiver em x , portanto esse numero

de horas será $\frac{x}{a}$; e se o segundo anda

b leguas por hora, gastará para percorrer a distancia y tantas leguas (1) quantas vezes b se contiver em y , ou $\frac{y}{b}$.

Ora, si ambos partem na mesma occasião, quando se encontrarem terão gasto o mesmo tempo; assim, teremos

$$\frac{x}{a} = \frac{y}{b} \text{ para segunda equação do}$$

problema, que sendo resolvido por qualquer dos methodos de eliminação conhecidos, dará:

$$x = \frac{d a}{a - b}; \quad y = \frac{d b}{a - b}$$

Supponhamos agora $d = 5$ leguas, $a = 3$ leguas e $b = 2$ leguas, virá:

$$x = 15, \quad y = 10$$

Donde se vê que o primeiro estafeta terá que andar 15 leguas, desde o ponto de sua partida A até o ponto de encontro C ; e que o segundo terá que caminhar 10 leguas, desde o ponto de partida B até o encontro C ; e como seus valores são positivos devem ser contados, conforme a interpretação de Descartes na direcção de A para B , de accordo com o enunciado do problema.

Supponhamos, porém, que tendo-se ainda $d = 5$ leguas, temos ao contrario $a = 2$ leguas e $b = 3$ leguas; então virá:

$$x = \frac{10}{-1} = -10 \quad \text{e} \quad y = \frac{15}{-1} = -15$$

valores estes negativos, que, conforme a interpretação de Descartes, devem ser contados em sentido contrario ao precedente; isto é, o primeiro a partir de sua *origem* A para a esquerda e o segundo a partir de sua *origem* B tambem para a esquerda.

Assim fazendo-se, encontra-se um ponto D que distando de A 10 leguas, dista de B justamente 15 leguas, como devia ser, o que prova a exactidão do encontro nesse ponto; e assim se vê que em vez dos estafetas terem seguido na direcção de A para B (da esquerda para a direita) seguiram em direcção opposta, isto é, de B para A (da direita para a esquerda).

Fica assim verificada a interpretação de Descartes.

Veamos até que ponto tem razão o illustre dr. Faustino.

Deixemos o facto do autor ainda uma vez se referir a *sentido contrario*, quando váe tratar de grandezas *directamente oppostas*.

Depois das hypotheses feitas sobre as quantidades a que estão ligadas as incognitas, o enunciado geral do problema se transforma em dois enunciados todo particulares.

Tomando as formulas geraes a que conduziu o problema geral,

$$x = \frac{d a}{a - b}, \quad \text{e} \quad y = \frac{d b}{a - b}$$

e suppondo, de accordo com as primeiras hypotheses, que $d = 5$ leguas, $a = 3$ leguas e $b = 2$ leguas, é claro que o enunciado do problema se reduz a este:

Dois estafetas partem ao mesmo tempo dos pontos A e B , distantes um do outro 5 leguas, e seguem na direcção A para B (da esquerda para a direita), fazendo o primeiro 3 leguas por hora e o segundo 2 leguas; pergunta-se: a que distancia se hão de encontrar?

Por outro lado as formulas acima se transformam em:

$$x = \frac{5 \times 3}{3 - 2}, \quad \text{e} \quad y = \frac{5 \times 2}{3 - 2}$$

que nos dão:

$$x = 15 \quad \text{e} \quad y = 10.$$

Isto quer dizer que sendo o problema traduzido abstractamente, encontraremos os valores de x e y por processos normaes, valores que nos dizem ser preciso que o estafeta que parte de A tem de andar 15 leguas para encontrar o estafeta que partindo de C só necessita andar 10 leguas, e que portanto o ponto de encontro se fará a 15 leguas de A e a 10 leguas de B , o que na verdade está de accordo com o enunciado do problema, pelo qual os dois estafetas estavam distantes um do outro de 5 leguas.

Si diante dos valores positivos encontrados para x e y , retomarmos o enunciado do problema, veremos que houve normalidade nas operações que effectuamos para determinar taes valores, porque na verdade o problema encerra a possibilidade de um encontro entre os dois estafetas, visto que, si o estafeta que parte de A anda 3 leguas por hora, e si o que parte de B anda apenas 2, haverá naturalmente, na direcção da marcha, um ponto em que os estafetas se devem encontrar; isto é, o problema encerra uma possibilidade de encontro, a Algebra determina por sua vez o ponto desse encontro.

Teremos agora o segundo grupo de hypotheses.

Suppondo no problema geral, que se tendo ainda $d = 5$ leguas, temos ao contrario $a = 2$ leguas e $b = 3$ leguas.

De accordo com estas hypotheses, o problema geral reduz-se a este:

Dois estafetas partem ao mesmo tempo dos pontos A e B distantes um do outro 5 leguas, e seguem na direcção de A para B (da esquerda para a direita) fazendo o primeiro 2 leguas por hora e o segundo 3 leguas; pergunta-se: a que distancia se hão de encontrar?

Por outro lado, as formulas geraes:

$$x = \frac{d a}{a - b}, \quad y = \frac{d b}{a - b}$$

se transformam em:

$$x = \frac{5 \times 2}{2 - 3}, \quad \text{e} \quad y = \frac{5 \times 3}{2 - 3} \text{ ou}$$

$$x = \frac{10}{2 - 3} \quad \text{e} \quad y = \frac{15}{2 - 3}$$

Já vimos que neste caso o dr. Faustino dizendo que $2 - 3 = -1$, achou para x e y os

valores respectivos -10 e -15 , que, conforme a interpretação de Descartes, devem ser contados em sentido contrario ao precedente: isto é, o primeiro a partir de sua origem A para a esquerda e o segundo a partir de sua origem B tambem para a esquerda, o que determina um ponto D que distando de A 10 leguas, dista de B justamente 15 leguas, como devia ser, o que prova a exactidão do encontro nesse ponto; e assim se vê que em vez dos estafetas terem seguido na direcção de A para B (da esquerda para a direita) seguiram em direcção opposta, isto é, de B para A (da direita para a esquerda).

E' na verdade interessante, dizemos nós, que o nosso problema dizendo que os estafetas tendo seguido da esquerda para a direita, venha a Algebra dizer, e logo em nome de Descartes, que os estafetas realmente seguiram da direita para a esquerda!

Contemplando-sc melhor as formulas

$$x = \frac{10}{2-3} \quad \text{e} \quad y = \frac{15}{2-3}$$

se deveria dizer, não o que acima disse o illustre dr. e sim que o nosso problema deu lugar a uma operação impossivel de effectuar, na determinação dos valores das incognitas.

E' porque foi traduzido abstractamente com toda a regularidade, si diante do facto anormal que se nos apresenta, retomarmos o seu enunciado, veremos que na verdade encerra elle um absurdo, porque si os dois estafetas partem ao mesmo tempo, na direcção de A para B , e si o que parte de A , ou o que anda atraz, percorre 2 leguas por hora, e si o que parte de B , ou o que vae na frente, anda 3 leguas, não poderiam se encontrar na direcção, da marcha, mesmo no caso de ser nulla a distancia que os separa, quanto mais sendo ella de 5 leguas.

Significa isto que, nas hypotheses acima referidas, o nosso problema encerra o absurdo de pedir um ponto de encontro na direcção de A para B , quando pelo proprio enunciado não pôde haver este ponto, isto é, no limite daquellas hypotheses não temos problema possivel.

Si voltarmos, agora, ás formulas, veremos que a impossibilidade de um ponto de encontro, que em si já existia no dominio conrecto, foi realmente accusado no dominio abstracto por uma operação que não se pode effectuar, isto é, o dominio abstracto não teve o poder de achar uma solução para um problema absurdo, o que equivale a dizer que este dominio repelle as hypotheses formuladas.

Não são, pois, soluções negativas oriundas de problemas absurdos, que possam concorrer para « verificar conrectamente a rigorosa exactidão da interpretação de Descartes », porque este philosopho apenas criou um principio que nos deve servir de guia na traducção abstracta de um phenomeno conrecto, no caso de concorrerem grandezas succetiveis de uma opposição de sentidos.

E o erro do illustre dr. está em procurar verificar esta interpretação, recorrendo a expressões que, incapazes de uma tal verificação, apenas lhe estão a dizer que não é permitido abusar da indeterminação dos symbolos algebricos e que no dominio abstracto não é possivel formular qualquer hypothese que se pense.

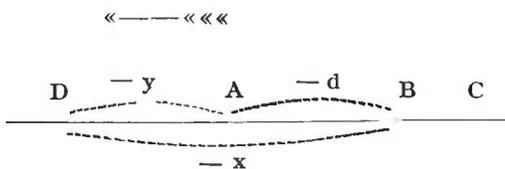
2. Ao contrario do illustre dr. que procurou uma verificação do principio de Descartes, façamos uma applicação deste principio.

Tendo a Algebra provado que o problema não podia existir nos termos em que foi formulado, isto é, que suppondo $d=5$, $a=2$ e $b=3$ não se podia encontrar o ponto de encontro que se queria, na direcção de A para B , vejamos, de accordo com Descartes, si é possivel determinar esse ponto, conservando-se aquellas hypotheses.

Como o dominio abstracto mostrou que

não ha ponto de encontro na direcção da esquerda para a direita, vejamos si ha na direcção da direita para a esquerda, e o nosso problema será:

Dois estafetas partem ao mesmo tempo dos pontos A e B distantes um do outro d leguas e seguem na direcção de B para A (da direita para a esquerda) fazendo o primeiro a leguas por hora e o segundo b leguas: pergunta-se: a que distancia se hão de encontrar?



Si supuzermos que o ponto de encontro seja em D , e si representarmos respectivamente por d , y , e x ás distancias BA , AD , e BD , teremos, por uma applicação do principio de Descartes, que as distancias BA , AD e BD são negativas, porque estas distancias eram positivas quando os estafetas andaram na direcção da esquerda para a direita, ao passo que agora andam em direcção directamente opposta, isto é, o estafeta que então andava de A para direita, anda agora de sua origem A para a esquerda; e o que então andava de B para a direita, anda agora de sua origem B para a esquerda, da mesma maneira que a distancia AB ou d que então era tomada na direcção da esquerda para a direita, é agora tomada em uma direcção directamente opposta, isto é, da direita para a esquerda.

Nisto é que está a applicação do principio do philosopho e segundo ella, teremos: $BA = -d$; $AD = -y$; $BD = -x$

Por um raciocinio igual ao que foi seguido pelo autor do problema, teremos:

$$BD - AD = BA \quad \text{ou} \quad (-x) - (-y) = -d \quad (1)$$

para primeira equação do problema.

Para termos a segunda equação, lembremos que o estafeta que parte de B andando b leguas por hora, andarà a distancia BD ou $-x$ em $\frac{-x}{b}$ da mesma maneira

que o estafeta que parte de A andarà a distancia AD em $\frac{-y}{a}$ horas, e teremos

$$\frac{-x}{b} = \frac{-y}{a} \quad (2)$$

para segunda equação. Resolvemos, pois, o systema de equações

$$\left. \begin{aligned} (-x) - (-y) &= -d & (1) \\ \frac{-x}{b} &= \frac{-y}{a} & (2) \end{aligned} \right\}$$

Como tratamos de verdadeiras operações sobre numeros negativos, baixarem a detalhes, com o fim de mostrar como entendemos deverem ser feitas taes operações.

Na equação (1) sommemos a ambos os membros a quantidade negativa $-y$, o que dá:

$$(-x) - (-y) + (-y) = -d + (-y)$$

O primeiro membro diz que da quantidade negativa $-x$ devemos subtrair a quantidade negativa $-y$ e depois ao resultado somma a mesma quantidade negativa $-y$, o que evidentemente da $-x$, para resultado final.

(E' o mesmo conjunto de operações que se faz na expressão entre positivos:

$$x - y + y$$

que dá x para resultado.)

Assim a primeira equação nos dá:

$$-x = -d + (-y) \quad (3)$$

Por outro lado a equação (2) nos fornece:

$$-x \cdot a = -y \cdot b \quad (4)$$

Subtraindo nesta expressão o valor $-x$ dado pela expressão (3), vem

$$[-d + (-y)] a = -y \cdot b$$

Effectuando a multiplicação do multiplicador positivo $+a$ pelos multiplicandos negativos $-d$ e $-y$, no primeiro membro vem:

$$-d \cdot a + -y \cdot a = -y \cdot b$$

Subtraindo de ambos os membros desta igualdade a quantidade negativa $-y \cdot a$, vem

$$-d \cdot a + (-y \cdot a) - (-y \cdot a) = -y \cdot b - (-y \cdot a)$$

ou, simplificando o primeiro membro:

$$-d \cdot a = -y \cdot b - (-y \cdot a)$$

Ora, o segundo membro sendo uma differença entre os negativos $-y \cdot b$ e $-y \cdot a$, que tem o factor negativo commum $-y$, podemos pol-o em evidencia, e teremos

$$-d \cdot a = -y (b - a)$$

Dividindo ambos os membros desta igualdade por $b - a$, vem:

$$\frac{-d \cdot a}{b - a} = -y \quad (4)$$

para a formula (4), ou a expressão do caminho que deve fazer o estafeta que parte de A .

Substituindo-se este valor de $-y$ na equação (1), para termos o valor de $-x$, vem:

$$-x - \left(\frac{-d \cdot a}{b - a} \right) = -d$$

Eliminando o denominador $b - a$ temos

$$-x (b - a) - (-d \cdot a) = -d (b - a)$$

sommando a ambos os membros a quantidade negativa $-d \cdot a$, o primeiro membro se reduz a $-x (b - a)$, e o segundo em que se tem de multiplicar $-d$ por $b - a$ e sommar ao resultado a quantidade $-d \cdot a$, o que dá $-d \cdot b - (-d \cdot a) + (-d \cdot a)$ se reduz evidentemente a $-d \cdot b$, assim teremos para expressão da equação (1), depois da substituição de $-y$ pelo seu valor dado pela formula (4)

$$-x (b - a) = -d \cdot b$$

donde, dividindo ambos os membros por $b - a$, acharemos:

$$-x = \frac{-d \cdot b}{b - a} \quad (5)$$

para a expressão da equação (3) ou a expressão da distancia que tem de andar o estafeta que parte de B .

Assim, os incognitos do problema são dados pelas formas (4) e (5):

$$-y = \frac{-d \cdot a}{b - a} \quad -x = \frac{-d \cdot b}{b - a}$$

Introduzindo as hypotheses feitas no segundo enunciado do problema, isto é, $b = 3$, $a = 2$ e $d = 5$, vem

$$-y = \frac{-5 \times 2}{3 - 2}; \quad -a = \frac{-5 \times 3}{3 - 2} \quad \text{ou}$$

$$-y = \frac{-10}{1} = -10; \quad -x = \frac{-15}{1} = -15$$

resultados estes que nos dizem: Si os estafetas quizerem se encontrar, tem o primeiro,

ou o que parte de A de andar 10 leguas no sentido das grandezas negativas ou de A para a esquerda; isto é, nas condições em que foi posto o problema; enquanto que o segundo tem de andar nas mesmas condições 15 leguas, o que na verdade devia ser, porque a distancia — d que havia entre elles foi considerada igual a -5 e $(-10) + (-5) = -15$.

Recapitulando vemos que, sendo impossível o problema nas hypotheses acima, quando se considerara grandezas positivas, a criação de Descartes introduziu a possibilidade de ser aquelle problema resolvido, isto é, Descartes contribuiu para maior amplitude do dominio algebrico, sem terem os geometros necessidade de recorrerem a artificios ou sophismas condemnaveis, porque, se o problema não foi possível em certo sentido, com sua theoria foi possível resolvê-lo no sentido em que na verdade tinha uma solução.

E si com este mesmo problema, supuzermos, agora, que $d = 5$, $a = 3$ e $b = 2$, chegaremos a operações impossiveis, que nos dizem da mesma maneira que nestas hypotheses não ha, na direcção da direita para a esquerda, um ponto de encontro, ou que o problema é impossível.

Assim, a verdadeira interpretação do theorema de Descartes, consiste na necessidade que tem a algebra de considerar quantidades que por essa *qualidade*, lembrem ou a opposição de sentidos de que são susceptivas muitas das grandezas geometricas e mechanicas, ou as noções que temos de direita e esquerda, etc, e não como pensa o dr. Fambino, que fazendo uma analyse sophistica de resultados incongruentes a que dão lugar problemas absurdos, attribue ao grande philosopho a triste concepção de interpretar resultados de operações impossiveis, que por si não têm significação:

Não é, pois, um problema deficituoso que fornece soluções negativas, soluções tão naturaes como as positivas, e não é partindo de um tal problema que se possa chegar a formular um principio que tenha por fim aproveitar as soluções absurdas a que dá lugar, sob o titulo de soluções negativas, porque um problema nessas condições só poderá fornecer ensinamentos erroneos, si o resultado a que conduzir tiver de ser, por uma falsa comprehensão da logica, aproveitado para alguma coisa.

Não se podendo, portanto, dizer que as soluções negativas sejam provenientes da resolução de um problema cujos elementos, todos positivos, estão ligados por certos modos de dependencia, e não mais se confundindo taes soluções com o resultado de um erro ligeiramente mascarado, flue naturalmente a impossibilidade de se dizer com a theoria do illustre Carnot, que:

«Toute valeur negative trouvée e pour une inconnue par la resolution d'une equation, exprime, abstraction faite du signe de cette valeur, la difference de deux autres quantités, dont la plus grande a été prise pour la plus petite, et la plus petite pour la plus grand, dans l'expression des conditions du problème», (1) porque na verdade o resultado de uma tal inversão não constitue uma solução negativa, a não ser que se entenda por esta expressão, um symbolo de impossibilidade. O que exprime essa inversão na expressão das condições do problema, não é uma solução negativa, por que esta é tão acceitavel com uma positiva, e sim a operação impossível a que se chega, e portanto o principio de Carnot em nada veio melhor as condições do estado de confusão que ainda reina na mathematica, por

(1) Vide Metaphisique du Calcul.

que apenas assignala o motivo que, em certos casos, poderia conduzir á uma operadaquella natureza, sem apontar o caminho verdadeiro que se devia seguir.

3. Falta-nos, para completar estas idéas dentro do dominio da Algebra, sem procurarmos desenvolver as modificações que nossa theoria introduz no ser da Geometria Algebrica, unicamente por nos não prender muito as cogitações mathematicas, dizer algumas palavras sobre a primeira modificação que introduz no proprio seio da Algebra, a regra dos signaes por nós estabelecidos, por que bem comprehendida nossa theoria as modificações ás theorias geometricas surgem facilmente.

A modificação inter-algebrica se refere aos

IMAGINARIOS.

Os geometras têm chegado, na resolução dos problemas do segundo grão, a expressões que não podendo ser comprehendidas, deram lugar a grandas discussões e a sorprendentes paradoxos.

Taes são as expressões imaginarias que' como dizem uns, sendo vazias de sentido' servem entretanto como um meio de simplificação e generalisação no calculo.

Outros têm resistido a essa introdução, porque considerando uma mystificação a vantagem que traz para o calculo a acceitação de taes expressões, reconhecem que sob o ponto de vista arithmetico são ellas verdadeiros symbolos de impossibilidade. Muitos, porém, aconselham a acceitação dos imaginarios, interpretando-os como simples, factos analyticos.

Todos sabem, além disso, que taes expressões ja foram representadas geometricamente, e que depois desta interpretação foram as expressões imaginarias acceitas ou reconhecidas como expressões algebricas, mesmo por aquelles que mais trabalharam para repellir da sciencia os symbolos vãos de significação.

Muito se tem escripto e pensado sobre esta sorte de expressões que a Algebra considera, e estão hoje por tal maneira divulgadas na sciencia mathematica, que todos reconhecem seu emprego como verdadeiramente salutar.

Depois dos trabalhos de Gauss, Cachuy, Wallès e tantos outros, julgamos não valer a pena seguir nesta direcção, afim de ajuntar mais uma pedra ao grande monumento, ainda mais quando não se póde hoje comprehender a efficacia de taes expressões.

Apenas diremos que o estudo dos imaginarios é hoje um estudo perdido, porque fundando-se no facto de se haver convencio-

nado que $\sqrt{-1} \times \sqrt{-1} = \sqrt{(-1)(-1)} = \sqrt{1} = 1$, e isto pela impossibi-

lidade de se extrair a raiz quadrada de um quadrado negativo, diante da regra dos signaes que estabelecemos, fundados na verdadeira maneira de considerar as quantidades negativas, desapareceu por completo essa impossibilidade, sabendo hoje que um quadrado qualquer tem sempre uma raiz quadrada conclusão a que se não podia chegar na vigencia da antiga regra dos signaes.

Formulando-se aquella convenção que é visivelmente contraria á esta regra, é que o estudo dos imaginarios póde progredir, isto é, estas expressões só tiveram vida, devido a uma opposição formal entre uma convenção acceita e a regra da multiplicação das quantidades negativas.

E' tambem exacto que se chegou a provar

que $\sqrt{-1} \times \sqrt{-1} = -1$, por conside-

rações de que aqui não queremos tratar, o que decido da acceitação das expressões imaginarias; mas este ultimo trabalho apenas serviu para melhor accentuar a opposição de que falamos.

Estabelecendo nossa regra dos signaes, apenas provamos que tal opposição não existe, e a *vida* dos imaginarios que nella se funda, vem *ipso facto* por terra.

A sciencia actual não precisa mais da noção de imaginarios, porque tal noção provém de se considerarem os negativos como expressões mysteriosas, que deram lugar á antiga regra dos signaes, pela qual se não podia extrair a raiz quadrada de uma quantidade negativa.

Si *imaginario* é a expressão algebrica que resulta da impossibilidade da extracção da raiz quadrada de uma quantidade negativa, não mais existe imaginario, porque da nossa regra dos signaes se conclue que

$\sqrt{-B^2} = -B$, uma vez que ella estabele-

cece que $-B \times -B = -B^2$, e isto por considerarmos os negativos como devem ser considerados pela verdadeira sciencia, e não como resultados de uma subtracção impossível, que traz como consequencia o principio de que $A + (-B) = A - B$, principio que serve de base á antiga regra dos signaes, regra esta que creou a impossibilidade da extracção da raiz quadrada de uma quantidade negativa.

E' o facto de se por effectuar esta operação, uma vez que a sciencia reconhece a necessidade da introdução dos negativos no calculo, que estabelece verdadeira uniformidade e generalidade das concepções mathematicas, e não a acceitação de symbolos que se não comprehendem, embóra sob o pretexto de simplificação e generalisação no calculo.

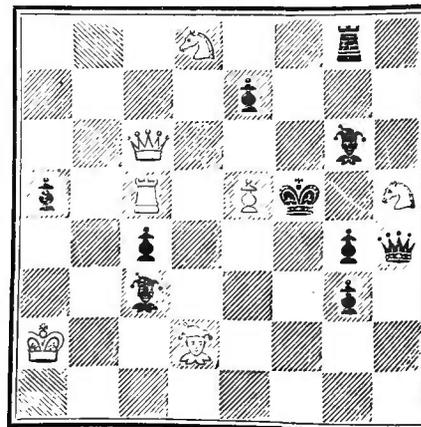
Esta é a primeira modificação que introduz na philosophia mathematica nossa theoria, deixando nós que as mais interessadas busquem as outras a que dará lugar.

TERTULIANO BARRETO

2º Tenente de Artilheria.

DIVERSÕES

Problema n. 11 — NEGRAS



As brancas jogam. Mate em dois movimentos.